

JORNAL DE 2^a FEIRA

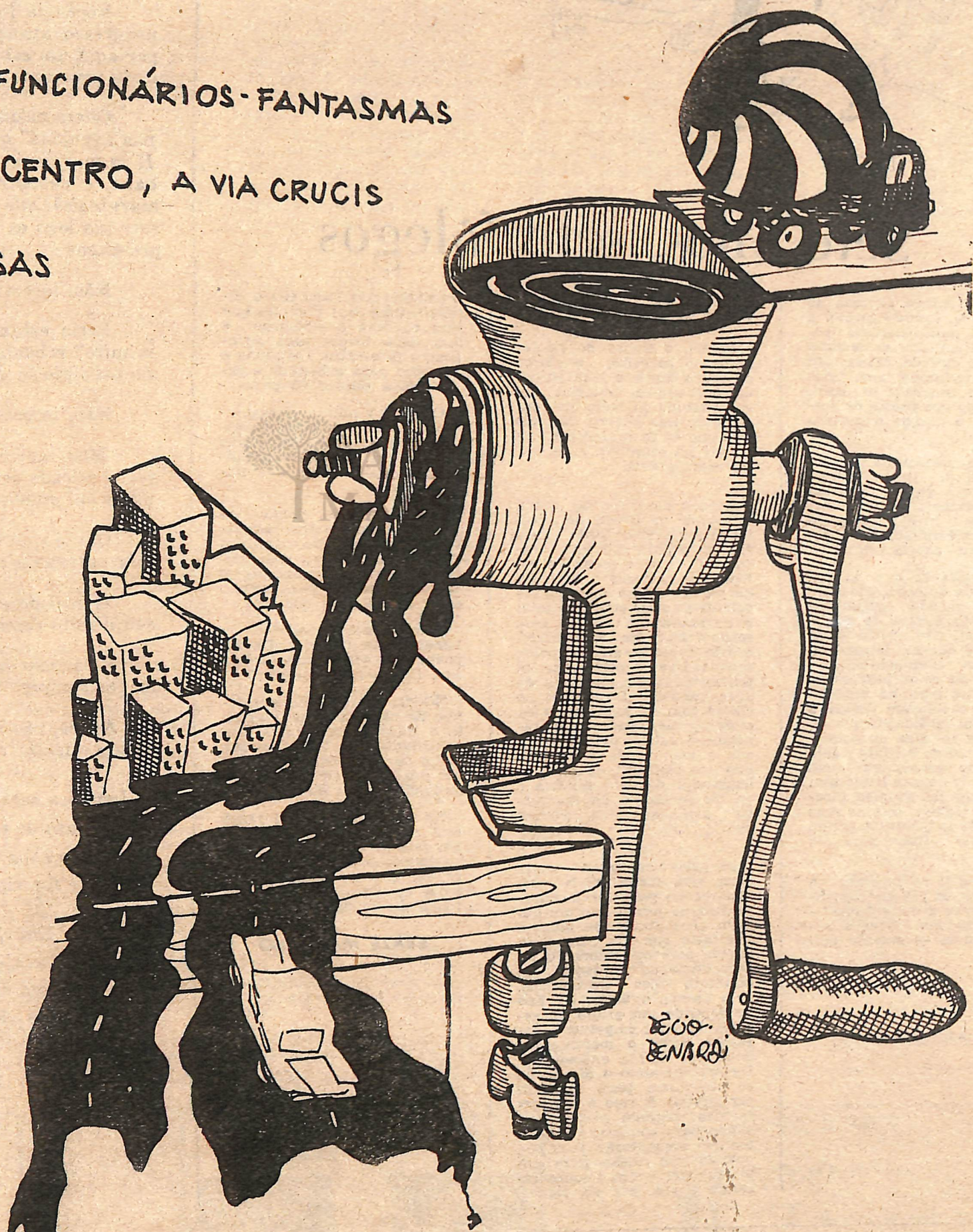
JUNDIAÍ, DE 13 A 19 DE OUTUBRO DE 1975 — N.º 15



CAÇA AOS FUNCIONÁRIOS-FANTASMAS
PAG. 3

VILA RAMI - CENTRO, A VIA CRUCIS
PAG. 9

COISAS NOSSAS
PAG. 16



ECO.
BENARO

Asfalto 'as escuras

pag. 6



Sete anos, sete fôlegos

Não me lembro da casa de quem eu ia, quando garoto, e existia lá uma estatueta (réplica, talvez) de um menino com boné de lado, calças até quase o tornozelo, uma das mãos em concha na boca, carregando um pacote de jornais sob o braço: o menino jornalista.

Por um mecanismo psicológico qualquer (psicopatológico, doutor?) eu me comovia com a estatueta, sentia uma inexplicável inveja daquele garoto maltrapilho. No duro: eu invejava aquela estátua.

Posso garantir que, na minha cabeça de cabelinho penteado e cortado quinzenalmente pelo Alcônio (o Sônio, pra gente), não existia nada consciente que me levasse a pensar em "dignidade do trabalho", ou coisa pelo estilo. Mas posso garantir também que essa inveja era devida a uma certa "utilidade" que eu pressentia na vida do pequeno jornalista, o fato dele brincar no mundo real, em vez de ficar horas e horas com soldadinhos de chumbo incapazes de esgotar, com as suas guerras, tudo quanto a minha imaginação tinha para ser esgotado.

Tem mais: eu invejava a roupa rota, os pés eternamente descalços, a desproteção — mas, ao mesmo tempo, a auto-suficiência — daquele mo-

leque corajoso (isso se explica, doutor, eu sei).

Porém, o cheiro do pó-de-arroz do barbeiro, o cheiro da roupa limpa e bem passada, o cheiro do material escuro saindo da bolsa de couro, tudo isso acabou fazendo com que eu fosse deixando de pensar na estatueta e no que ela representava.

Apenas uma vez ou outra, brincando no fundo do quintal durante uma tarde mais fria, escondido sob uma cabana de ripas e sacos de estopa, nessas horas a sensação de ser o menino maltrapilho voltava a tomar conta de mim e eu sentia um certo gozo sendo "vítima da intempérie", o frio varando minha pobre cabana. Logo depois, com os pés mergulhados na bacia de água quente, farejando o cheiro bom da sopa vindo da cozinha, aceitando passivamente o calor do agasalho que a mãe vestia "pra você não se resfriar", lá se ia a lembrança da doce miséria e eu me sentia "o da mansarda", ainda que não morasse nela.

Passados cento e trinta anos, sem nunca mais me lembrar do pequeno jornalista, leio, no jornal que um homem abre diante de mim, a manchete que diz da festa havida para comemorar o 70 aniversário da fundação do Sindicato dos Jornalistas. Leio apenas o título e fico imaginando um grupo de garotos de porte impetuoso, corajosos como o menino-símbolo, uma turma enorme deles comemorando o direito de se associarem para reivindicar direitos. E vejo a estatueta viva exigindo ganho suficiente para comprar os sapatos que esquentarão seus pés, quando uma edição-extra exigir que eles saiam à noite, pisando a rua fria da cidade.

Ou então reivindicando o direito a uma sopa cheirosa que lhes encherá o estômago e lhes dará forças para apregoar o fato-extra. Ou ainda o agasalho para substituir a camisa rota aberta no peito.

Contenho minha imaginação e tento ler, de onde estou, o restante da notícia. Não consigo, as letras são miudinhas demais. Ou será a minha vista?

Nesse instante, penso ao jornalista já homem adulto, talvez com a vista também fraquejando, talvez com gestos menos impetuosos, talvez cansado demais para reivindicar o que quer que seja.

Uma depressão começa a tomar conta de mim. De repente, um grito agudo, metálico, infernal me sacode.

"Extra, extra!" Um mulatinho de canelas finas, enfrenta o trânsito da avenida movimentada, pula feito saci por entre os automóveis e vai levar um jornal ao homem que gesticulou lá do outro lado.

No céu cinzento, um rasgo azul se abre e deixa passar um raio de sol que vai acompanhando o pequeno jornalista, até que ele desaparece no meio do povo, apenas uma voz audível: "Extra, extra!"

ERAZÉ MARTINHO

Canto Chorado

Corre por aí, à boca pequena, a notícia de que os deputados pediram ao governador que mande um interventor aqui pra buracolândia. Que seu alcaide não dá no couro. Que atirou pedra em vespeiro. Que o feitiço virou contra o feiticeiro. Que foi buscar lá e saiu tosquiado. Que o tiro lhe saiu pela culatra.

E assim vai o "peixe" viajando de bairro em bairro, de rua em rua, de casa em casa, de comadre em comadre.

É certo que o povo está com o cujo no gogó. Que não sopita a hora de ver o jardim de suas costas. Que já guardou até busta-pés para o ba-fa-fá do dia D, com a bandinha do Carlito tocando a valsa da despedida em tom de rebolado. Tudo ok, tudo legal, tudo de acordo.

Mas, intervenção não.

Vocês já imaginaram, se logo agora que o progresso avança em alta velocidade" aparecesse por aqui um cabra sem sensibilidade, com mentalidade prussiana e dedo duro, o desastre que seria?

Quem passaria os retoques finais nas "modernas avenidas" que estão rasgando a buracolândia. E as marginais do Jundiá, do Guapeva, da Sorocabana, e de outras marginais (como ele gosta de marginais), que ainda estão no forno, mas que vão sair tão logo os "miningildos" aprovelem novos empréstimos.

Não, intervenção não.

Seria estancar o progresso que de "minuto a minuto" rebenta por toda a parte. E aquelas vacas de presépio lá do gabinete como é que ficariam?

Não, intervenção não.

Mas também, cá entre nós, ledor, que diabo teria aticado seu alcaide para que fosse meter as mãos em cumbuca?

Que é que tinha a ver as "sujeiras" do Jairo com outras sujeiras que se sabe por aqui?

O mal de seu alcaide foi não entender que o seu direito cessa onde começa o do próximo.

É por não dar crédito a esse papo que de quando em sempre "chove" na cabeça dele.

Agora, não há outro remédio senão segurar as pontas e meter a viola no saco.

Lendo a cartinha do alcaide

É o caso de perguntar

Se não sabe que na vida

O que faz rir faz chorar

Em chegando o interventor

Cada qual "fica na sua"

Com exceção dos chupetas

Que vão p'ra rua

Em meio da gozação

De toda essa palhaçada

Quem se diverte é o Simão

E o povo diz, que... maçada.

SIMÃO



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**
IMPRESSOS
EM GERAL

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PANSERVIÇOS

Composições Linotipográficas
Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2.a-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula
Capa: Araken Martinho
Ilustrações: Ivan Martinho e Suzana Traldi de Souza
Officinas Impressoras: "Diários Associados"
Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo
Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

Ação popular contra o pagamento de "horas extras fantasmas" na Prefeitura

O atual Governo do município, que ascendeu sob o "slogan" "Paz com Ibis", mas que só na primeira metade de seu período de mando (1973/1974) bateu dezenas de vezes às portas dos tribunais, ora para se defender em mandados de segurança motivados pelo fechamento arbitrário de casas comerciais, em virtude de uma brutal majoração dos impostos ou cobrança ilegal dos mesmos, ou, ainda, por encetar perseguição à funcionária efetiva em seu cargo, ora para interpelar os críticos dos seus atos, vê-se agora envolvido numa ação popular que mais uma vez põe à mostra sua inabilidade (ou má fé) na condução dos negócios públicos.

Essa ação popular, que tem como patrono o advogado Ademércio Lourenção e como proponente o advogado Eliás Juvenal de Mello, visa a fazer retor-

nar aos cofres públicos importâncias pagas indevidamente a funcionários municipais com o endosso tácito de seus superiores, no caso o prefeito Ibis Pereira Mauro da Cruz, o secretário de Obras, Joseph Moutran; o diretor de Obras, Mário Augusto Bochino; o secretário das Finanças, Gildo Cantelli, e o chefe do Departamento de Pessoal da Municipalidade (nome ainda não declinado), todos citados como réus nesse procedimento judicial, que foi ajuizado na última semana e distribuído ao Cartório da 1.ª Vara desta Comarca.

Conforme documento juntado à ação, o sr. José Antônio Ferreira, funcionário da Prefeitura, lotado na Diretoria de Obras, trabalhou no mês de novembro de 1974 no seu expediente normal, das 12 às 18 horas, não vindo a constar de seu cartão de ponto

(n.º 43) nenhuma referência a horas extraordinárias; apesar disso, veio o referido funcionário a receber Cr\$ 740,34 a título de horas extras, portanto, a mais do que seu salário normal, no pagamento efetuado em dezembro.

Tal fato, segundo notícia a inicial da ação, "é constante, porquanto, sob o código "6" — horas extras — a mesma pessoa recebeu em novembro de 1974 a importância de Cr\$ 767,76, e em março do corrente ano a quantia de Cr\$ 995,40". Daí estar afirmando, adiante, que o recebimento ilegal de tais importâncias não deve ser esporádico. "A corrupção — diz o advogado que subscreve a ação — não se apresenta como fenômeno isolado e separado. Outros funcionários, quer da administração direta, quer das autarquias, por negligência, imperícia ou con-

vência de seus superiores, poderão estar desfalcando o erário público, dessa ou de outra maneira vergonhosa, o que deve ser apurado em nome de uma coletividade que, segundo o patrono da Prefeitura Municipal de Jundiá, Hely Lopes Meirelles — ação popular — 2.ª edição, pág. 53, prega: "É o povo, titular do direito subjetivo ao governo honesto".

Tratando da matéria no aspecto do Direito, o advogado destaca:

"É elementar que o fato do funcionário haver recebido por serviços extraordinários não prestados constitui um ato imoral, ilegal e lesivo ao patrimônio público, conforme o estabelece a Carta Magna e o art. 1.º da lei fundamental da ação. Aliás, os artigos 2.º e 4.º da referida lei (n.º 4.717) declaram nulos os atos praticados nas condições e cir-

cunstâncias apontadas. Não há necessidade de maiores indagações.

"Acrescente-se que os suplicados, conjunta ou separadamente, praticaram ilícito penal pelo qual deverão responder. O suplido prefeito, especificamente, infringiu os itens I, II, III e V do art. 1.º do decreto-lei 201, de 27-2-67, se comprovados, o que acontecerá, os fatos articulados".

Se a ação popular surtir os resultados pretendidos por seu autor, o funcionário expressamente implicado no caso e outros que vierem a ser igualmente envolvidos terão que devolver aos cofres públicos todas as quantias recebidas indevidamente, acrescidas de correção monetária e juros de mora, podendo ser ainda instaurado o processo-crime para a apuração do ilícito penal denunciado nos autos.

As duas faces do Sr. Prefeito

Ao começar estas linhas cumpre-nos dizer que não temos procuração do deputado Jayro Maltoni para os conceitos que nela vão expendidos.

São ilações próprias da nossa maneira de pensar ante as intempestivas reações do prefeito municipal de nossa terra no episódio da Assembléia Legislativa.

Não entraremos, outrossim, no mérito do entreviro porque não nos importa saber quem tem ou deixa de ter títulos protestados ou em fase executiva nos cartórios da cidade.

É essa uma condição de ordem pessoal que só diz respeito àqueles que nela porventura possam estar envolvidos.

Acontece que o nosso prefeito, numa missiva que encaminhava ao deputado Alberto Goldman, na qualidade de líder da bancada emdebista no Legislativo Estadual, faz certas afirmativas que precisam ser glosadas por eivadas de linguagem sibilina senão de todo vasconçada.

Carente de ética e de equilíbrio emocional, dirige-se ao líder alardeando que o parlamentar jundiáense "não faz outra coisa a não ser usar de demagogia, de inverdades, de dizer asneiras", etc.

Quanto às "asneiras", (a quem leu a sua arenga), parece que ss. timbra em dissipar, por atacado, seus próprios teres e haveres, quando fala em "milhas submarinas" e outras estultices que, se ditas, não pagariam o tempo perdido. Quanto à "demagogia", é um vocábulo surrado à sombra do qual se alapardam aqueles que paradoxalmente falam sem dizer nada — ou porque não sabem ou porque não lhes interessa dizer.

Tratemos, pois, apenas das "inverdades", que o sr. prefeito assegura terem sido articuladas na tribuna da Assembléia.

Essas sim. Essas respeitam ao povo a quem assiste o direito de saber como contribuinte que é do erário municipal.

Que inverdades são essas. E se são inverdades porque

não denunciá-las. Porque impõe a protervia como reagente à acusações de ordem pública proferidas abertamente no parlamento do Estado.

Chamado, que foi, o deputado, de mentiroso, justo e leal seria apontar-lhes as invetivas.

Caso contrário há que se duvidar e até desacreditar delas.

Todavia, o que se nos afigura mais importante nas insólitas acometidas do prefeito é quando ele foge do assunto que abordou e passa a divagar com uma pobleza gramatical que penaliza um colegial de primeiro grau. Quer ser irônico, mas por faltar-lhe engenho e arte, acaba cedendo a um ridículo divertido.

Não obstante, toca um ponto muito sensível que se constitui justamente no motivo que inspirou estes escritos.

É quando ele diz: — "Sou funcionário do Ministério da

Fazenda e tínhamos uma situação caótica principalmente em São Paulo, e nunca o governo procurou ao menos aparelhar a máquina de arrecadação em São Paulo, que é o Estado responsável por 50% da receita federal. Gostaria de comparecer a um programa de televisão... para contar coisas do Ministério da Fazenda que ocorriam em São Paulo e que o presidente nacional do seu partido pode comprovar minhas palavras".

Não acha o sr. prefeito que bem antes de um programa de televisão, do líder do MDB, da Assembléia ou de quem quer que seja, deveria o fato ser contado às autoridades governamentais, que são, na verdade, aquelas a quem cabe saber coisas que lhes tem sido imponderavelmente ocultadas?

Este assunto, como se pode deduzir, é muito delicado para que o tratemos aqui. Não nos pertence.

Pertence mais aos Ministérios da Fazenda e da Justiça ou ao próprio SNI do que

à televisão ou aos deputados, etc.

Sugerimos, por isso mesmo, ao sr. prefeito que se dirija àqueles Ministérios a fim de relatar as coisas que ocorriam em São Paulo.

Esse é um dever implícito que ss. não pode postergar.

Por outro lado, uma particularidade nos intriga a par do espanto que nos causa: nosso prefeito foi solerte, intempestivo e violento ao revidar as acusações do deputado. No entretanto, vem se fazendo cego, surdo e mudo ao que disseram os engenheiros e a antiga executiva da Arena sobre as concorrências "G. Sampaio S/C" e "Andrade Gutierrez S/A", que na realidade são denúncias muito mais sérias de que as que espoucaram no plenário da Assembléia.

Como se explica essa diferença de trato?

Ou estaremos vendo escancarada nesse silêncio a outra face do senhor prefeito?

ÉLCIO VARGAS

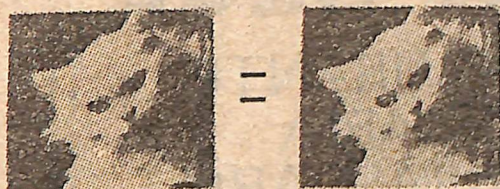
COMPRA A PRAZO
E SEM JUROS NO



**REI DAS
ROUPAS
FEITAS**

barão
782-788

**FOTOCOPIADORA
MALTONI**

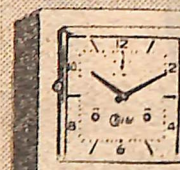


**nós temos o melhor serviço
de xerox da cidade.**

rosário, 618 - fone: 6-8460

RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL



revendedor autorizado
em Jundiá:

COMERCIAL

**PANIZZA
LTDA.**

**BARÃO-427
FONE 6-8231**

Zona Franca

(O leitor escreve, comenta e opina)

Com a devida licença

Se os senhores permitem, quero fazer aqui alguns reparos ao artigo de um tal de Sandro Maia, que se diz dono de uma memória pródiga mas andou publicando informações errôneas, que comprometem os conhecimentos de quem lê este semanário.

Vamos, por partes, sr. Maia (a propósito, o sr. é parente daquele artista de televisão Tarcísio Maia?):

1) O senhor afirma que, "modéstia à parte", é um sujeito dotado de boa memória, mas não se lembrou de dizer que Marshall-Mac-Luhan foi uma famosa dupla de atacantes da seleção da Irlanda que venceu o Brasil por 1 a 0, anos atrás, em amistoso disputado em Belfast; 2) Leivinha não fuzilou nenhum separatista basco, como o sr. diz; trata-se apenas de uma lei que não vem mais; 3) Chico Franco, que o sr. diz ter feito três gols no jogo de estréia contra o Salamanca, é um vereador-cantor-compositor que acabou de lançar um LP fazendo dupla com Marília Betânia, cantando músicas infantis; 4) O prefeito da cidade vizinha à Capital não mandou para protesto título algum do MDB; ele apenas mandou alguns convites a vários parlamentares para irem ao almoço de abertura da I Festa da Filáucia; 5) O líder muçulmano Munhammed Ali não agrediu a socos e pontapés o presidente Antônio Marcos, das Filipinas; agrediu mesmo foi a manilha, isto aconteceu quando Ali lutava karatê com Joel Grey, aquele que trabalhou em "O Poderoso Cabaret n.º 2", ganhando o "Oscar", prêmio ofe-

recido pela diretoria da Ponte Preta de Campinas, no valor de dois milhões de cruzeiros e não sete milhões de dólares. Ali estava vencendo quando, por problema de energia elétrica, isto é, o ginásio cedido pelo presidente Antônio Marcos ficou às escuras; irritado, Ali agrediu o presidente filipino.

6) O sr. diz também lembrar-se perfeitamente de que nesta cidade foi inaugurada uma avenida ligando Seca a Meca. Nada disso: para acabar com a, os recursos destinados à construção de uma avenida, doados pelo MEC, foram aplicados em Itajaí, Santa Catarina; 7) Arrinando Marques não lançou o livro "Eu Nua", como diz o sr. Sandro. Apitando um jogo de ping-pong em Belém do Pará, ele disse: "Eu? Nunca!" ao ser ofendido por Odete Lara, torcedora do Paisandu e dona de uma oficina (daí a confusão com seita messiânica); 8) O sr. diz que o Papa Paulo VI divulgou uma carta pastoral, seguida de uma homília, defendendo os contratos de riscos com as empresas estrangeiras". Primeiro, foi uma carta pessoal; segundo, não há nenhuma humilhação nisso. Quanto à pastoral, foi divulgada pela Sociedade Brasileira de Padres Pastores Alemães — são os resultados de uma exposição realizada na rapuera.

9) Jacqueline Kennedy não é autora do livro "As 3 Máscaras de Eva", como o sr. diz, e nem se casou pela sexta vez com Richard Burton; pelo contrário, ela está trabalhando pela sexta vez na editora de Burton, que lançou o livro "Somos Apenas Bons Amigos", dedicado a um juiz de paz que ele conheceu quando visitou Grace Kelly em Luxemburgo; 10) Ulisses Guimarães não é presidente da CBD coisa nenhuma; é um "olheiro" do técnico Oswaldo Zagallo, que está orientando a seleção brasileira de handebol, uma das favoritas do Pan-Americano do México; o sr. deve ter feito

confusão porque Ulisses é também personagem de um livro de Lúcio Joyce, intitulado "Heleno Nunes", lançado na semana passada, em Tróia; 11) As informações sobre a abertura de uma concorrência, pela Câmara Municipal de uma cidade próxima a São Paulo, para aquisição de um turbo-hélice Jumbo, 12 aviões Mirage de combate, dois DC-10, quatro Bandeirantes e dois Ipanema, também estão erradas. O certo, sr. Maia, é que, num bate-papo na seção de brincadeiras do supermercado Jumbo, um vereador dizia um amigo locutor da Rádio Bandeirantes quais as miniaturas de aviões que daria a seu filho no "Dia da Criança"; sobrando dinheiro, ele compraria o disco "Garota de Ipanema"; 12) O imperador e a imperatriz do Japão não foram aos Estados Unidos coisa nenhuma; eles apenas foram citados numa coluna social porque assistiram ao filme "Hiroito, meu Amor", de Harry Truman; 13) Nem toda a delegação de tiro ao alvo dos Estados Unidos foi desclassificada dos Jogos Pan-Americanos por não ter atingido os índices mínimos exigidos para a competição; houve protestos porque não deixaram um dos integrantes da equipe fazer as provas eliminatórias.

Como se vê, sr. Sandro, é bem melhor informar-se antes de se meter a entendido. Para isso, aconselho-o a ler, entre outras coisas, a coluna "Jornal dos Jornais" escrita pelo jornalista Dino Sani na "Folha da Tarde".

A. FERNANDES

Semana

Temos a subida honra de convidá-los para a Terceira Semana de Letras, de 13 a 21 de outubro próximo, nesta Faculdade. Contando com sua presença,

enviamos-lhes nossos protestos de elevada estima e consideração.

Devanei Costa
Presidente do Diretório Acadêmico Ruy Barbosa.

Piva na Jundi-Hobbies

A Jundi Hobbies convidada para a exposição de poster infantil que será realizada durante a Semana da Criança. Fotografias de

Braz Piva. Inauguração: dia 11-10-75, às 20 horas. Segue até o dia 18-10, das 8 às 18 horas. Rua do Rosário, 660 — Fone 4-3187.

A hiena (risonha) e o abutre (comprometido)

Sr. — Contando mais uma vez com um espaço na seção Zona Franca, remeto o artigo que segue:

"Era uma vez uma hiena que não deixava nenhuma carne putrefata para seu inimigo. Ela comia os restos da carcaça alheia e mesmo que o predatório empenado tentasse não conseguia tirar o seu filezinho.

Com o tempo o abutre pensou, pensou e teve uma idéia: "Vou fazer uma campanha de cunho carnívoro contra a terrível hiena"

Entretanto, depois de

certo tempo (prefiro, para o entendimento do leitor astuto, contar em meses), o abutre percebeu que a hiena tinha mais fome que ele.

Finalizando, o abutre pediu misericórdia à hiena e ambos vivem felizes até hoje (isto é, até a próxima eleição na fábula animal).

Moral da estória: dependendo da época (chance), um animal tem mais influência (força) sobre o outro."

João Carlos Zanirato

Notícias do Gabinete

José Carlos Pisanelli, secretário-executivo do Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa", informa: os 10 livros mais solicitados em setembro foram "Assassinato no Expresso Oriente", "Tubarão", "Arquipélago Gulag", "O Coronel e o Lobisomem", "Gabriela, Cravo e Canela", "Teje Preso", "Fã Club", "Arlequim", "Vidas Secas" e "A Ceia".

Anuncia, ainda, um programa de audições de piano, a serem realizadas este mês, no Salão Nobre da entidade: dias 18, 24 e 31, às 17,30 horas, apresentação das alunas do Conservatório Dramático e Musical de Jundiá, num Concurso de Piano patrocinado pela Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá, com entrada franca.

PALLETS E EMBALAGENS DE MADEIRA, MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO, MADEIRAS EM GERAL, PARA INDÚSTRIA E CONSTRUÇÕES — ISSO TUDO É COM



MADEGERAL

O maior mercado de madeiras da região
Rua da Várzea, 131 - Fones: 4-3166, 4-3822 e 6-7366



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

O AMIGO DO GENERAL CUSTER

Esteve em visita à nossa redação, o Atual Estado de Coisas. Mostrando-se um tanto contrafeito com algumas atitudes de sua irmã gêmea, a Situação Vigente, o Atual Estado de Coisas contou à nossa reportagem as dificuldades pelas quais vem atravessando ultimamente, em alguns lugares do mundo.

Na Espanha, por exemplo, embora tenha sido alvo de efusivas manifestações de apreço por parte da Falange, Falanginha e Falangeta, o Atual Estado de Coisas reconhece que sua posição chegou a um ponto mais ou menos insustentável.

— Na verdade — diz o Atual Estado de Coisas — o segredo da minha longevidade é a transformação, a mudança. Por isso, sou e serei sempre Atual. Politicamente sou pragmático, apóio sempre o regime que está no poder. Ou melhor dizendo: ele é que, ao assumir o poder, se apóia em mim. Devemos reconhecer que nenhum Atual Estado de Coisas pode permanecer muito atual se durar de 1936 até agora. Sempre fui amigo do general F. F. Bahamonde, principalmente porque ele sempre foi muito meu amigo. Nos sustentamos mutuamente por muito tempo, mas agora parece

que chegou a hora da separação.

— Irritam-no os fuzilamentos, sr. Atual? — pergunta sagazmente nossa reportagem.

— Não, não é bem isso. Como os senhores sabem, sou um tanto impermeável a esse tipo de sentimento. Já apoiei chacinas, carnificinas, pogroms, bombardeios, exílios, degradações, partam de onde partirem — da esquerda, da direita ou do centro. Ninguém ignora que fui amigo de Torquemada, Robespierre, Stalin, Herodes, Hitler, Mussolini. Trata-se, como já deixei bem claro, de um problema meramente pragmático. E se o Mercado Comum Europeu deixar de vender hortaliças à Espanha por minha causa?

— Quer dizer, sr. Atual, que o problema é meramente hortifrutigranjeiro?

Não existe em jogo alguma coisa superior, como, digamos, o anseio do homem pela liberdade, coisas assim? (N. da R.: devemos convir, sem falsa modéstia, que as intervenções da nossa reportagem têm sido, de um modo geral, altamente percucientes.)

— Olha, amigo. Nessa discussão subjetiva sobre liberdade, prefiro alinhar-



me com o grande pintor Salvador Dali. (E, ato contínuo, folheando o último L'Express, o sr. Atual vai lendo — e traduzindo, é claro — a mais recente filosofada do pintor surrealista: "Eu sou contra a liberdade. Eu sou pela Santa Inquisição. A liberdade é uma m... (impúblicável, perdão); é por isso que todos os países vão mal, por causa do excesso de liberdade.")

— Bem, sr. Atual, parece que já nos detivemos demasiadamente a analisar problemas espanhóis. Que tal se nos aproximássemos um pouco mais, e conversássemos, quem sabe, sobre a revolução sexual, ou a crise do petróleo, ou alguma outra coisa que nos atingisse mais diretamente?

— Como vocês não ignoram, e como os psicólogos não se cansam de proclamar, eu tenho uma forte dualidade de personalidade, diria até que triplidade ou quadrilidade, sei lá. No caso da revolução sexual, por exemplo, sou fortemente conservador — que aliás é a característica principal e dominante de minha personalidade, mas há uma outra parte, bem menor, mas fortemente influenciável e absolutamente sujeita a pressões. Eu e minha irmã, a Situação Vigente, deploramos toda e

qualquer mudança nos costumes sexuais, porque somos predominantemente vitorianos. Mas isso não quer dizer que, apesar de nossa luta, a permissividade se tornar tão forte e tão intensa que venha a ter a adesão da maioria, nós não passemos a apoiá-la. Como já deixei claro, minha tarefa, como Atual Estado de Coisas, é sempre defender arraigadamente o que aí está, seja lá o que for. Quando o que aí está é uma situação nova, que não existia ontem, é sinal que perdi, e então passo a apoiá-la. Só assim consigo manter a integridade de meu nome e sobrenome. Sou um pouco venal, devo reconhecer. Mas fui criado para isso: conservar, conservar, conservar. Quando perco, passo a conservar o que ontem era revolucionário. Devo dizer, então, que minha tarefa é transformar o revolucionário em conservador. Estratificar, eis minha tarefa básica. Fui claro?

— Claríssimo, sr. Atual. Para finalizar, que lhe parece a situação em nossa comuna?

— Como já lhe disse, sou pragmático. Em 1876, eu fui para Little Big Horn com o general Custer, não fui?

SANDRO VAIA

...nem doutor de gente

Nem sempre durareis, eras sombrias

De miséria moral! A aurora esperas,

Ó Pátria! E ela virá, com outras eras,

Outro sol, outra crença em outros dias!

"As Amazonas", de Olavo Bilac.

Nas noites de estórias com muita assombração, amide eu acordava no meio da madrugada e, trântido, ficava atento ouvindo o silêncio pesado, cheio de nada; e ficava quieto escutando a quietude da madrugada. O medo vinha lá do dedão subindo, subindo e eu — zás! — cobria a cabeça; estava salvo!

Não raro eu acordava com o silêncio se enchendo do barulho da chuva grossa, que o trovão sacudia das nuvens, e ficava ouvindo o gemido solitário do sino só, soado com a força do vento no alto do campanário; noites do meu sertão. Menos pra lavar do que pra acordar, às quatro da matina eu estava na bica, água que não acabava nunca. No inverno, aquele frio e o céu perdido de estrelas. No verão, ou as grossas nuvens da chuva que aí vinha, ou o horizonte já claro fazendo fundo pro majestoso jequitibá.

Começava o trabalho de tiração de leite. Bebia uma canecoa de leite, açúcar mascavo no fundo, eu bebia leite só da Brasina. Quando a Brasina "stava" seca ou mojando, era leite da Morena; que de outras vacas eu não bebia, eu era bezerro só delas. Terminada a lida, lá pras oito e meia, era a hora abençoada do almoço, barriga roncando. Feijão lustroso de gourdura, farinha de milho, couve picada, torresmo crocante, ovo frito, quibebe, mandioca frita... quindim.

Os dias eram deliciosamente iguais. Sempre não, que às vezes acontecia alguma coisa diferente, uma novidade. A quebra da rotina era uma delícia; mesmo que fosse coisa ruim, era boa, não sendo com a gente. Eu lembro bem de uma manhã diferente. Logo às oito escutei a batida da porteira e o pacatau, pacatau de um cavalo no galope; e logo a

acolhida no terreiro, a voz do recém-chegado.

— Lovado!

E a voz do senhor meu pai: — Pra sempre! Chegue! — e em seguida me chamando:

— Barti (era eu, todo mundo tinha apelido), agueie o cavalo e chegue um emborná de milho e tome tento qu'ele não afronte.

Era assim. Pra cavalo molhado de suor não se dava de beber antes de se lhe refrescar a tábua do pescoço e o peito. Não existe, que nunca vi, bebecão mais linda que a do cavalo: quieto, cabeça baixa, zoião pisca-piscando, focinho aveludado sugando a água de mansinho, a água sumindo sem bulha. Depois enfielhe no focinho molhado um embornal e lá o deixei — roc roc — no milho cateto. Desandei pra dentro, pra ouvir as novas. Era "seu" Desidério e tava contando:

— ...nestes cansos nhá Zeia num passa de hoje pra minhã. Vim le avisá e mais o nego Zimbo pr'onde vô agora memo, que tenho recado pr'ele.

O tempo estava de revolta, nuvens preches, trovão tremendo os vidros das janelas. E a voz do meu pai aconselhando... "que não, que não

se fosse, que a chuva aí vinha, que não assucedasse de no se molá pegasse uma pe-leumonia..."

E a minha mãe sentenciava:

— ...que Deus o livre e guarde...

Não adiantou o ponto e nem o contraponto. Desidério estava "arresorvido". Disse que "nego Zimbo tinha desinganoado a pobre, qu'ela queria u'a oração e que vamo qu'ela morra antes de nego Zimbo sabê, e que sua pressa era de muita perclação..." e quando falou que "tava agardecido da tenção" já estava de saída, chapéu na cabeça e...

— Intão até a vorta!

Montou seu lustroso alazão ajazeado de rosetas de pura prata, e logo o seu galope estava amortecido pela curva da estrada.

Tempos bicudos aqueles. Não havia doutor de planta, nem doutor de bicho, nem doutor de gente. O único médico que havia na cidade era doente, tinha uma doença lá nele que não lhe permitia andar "de a cavalo", e nem de charrete. Ele tinha razão: quanto mais comprido fosse o caminho, mais

curto seria o dinheiro. Na roça era só nós e um Deus tão exigente que mesmo com muito "trabalá, as veis faia-va"... Nada de doutor: chá de pejo pra dor de barriga, de hortelã pra bichas, de arruda pra mau olhado, de broto de golabeira pra desenchurrio, intestino desandado, chá de losna pro "estamo", de folha de batata-doce pra inchaço e dor de dente, chá de quebra-pedras pra rins, de erva-doce pra doença do nenê, banha de galinha pra passar no peito "pra tirá roncquera e asthma", sei lá o que... Pra nervoso, chá de erva cidreira. Quando morria o marido, quase matavam a viúva no chá da tal erva cidreira. A tal não queria mais saber de casar de medo que o segundo marido morresse e a levasse afogada em chá...

Quando nenhum chá des-ses curava o mal, ainda tinha o nego Zimbo.

No próximo número contarei a estória do nego Zimbo. Quem será nego Zimbo? Aguardem o próximo capítulo no JORNAL DE 2.a. O único jornal de segunda que sai no domingo e já está pronto no sábado. Aguardem!

O BARTIMEU

DISTRIBUIDORA KINHO

FRIOS E LATICINIOS EM GERAL

ATACADO E VAREJO

nery aparecido rodrigues

rua marechal deodoro n.282 fone 6-7521



REI DOS CARTÕES

os mais variados tipos de convites de casamento

cartões de visita convites de formatura

SERVIÇOS RÁPIDOS E PERFEITOS

impressos em geral

RUA DR TORRES NEVES, 514 - FONE 67720 Jundiaí - S.P.

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RÁPIDOS E SEGUROS



HIDROTECNICA
projetos e execuções

rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)

Asfalto quente

Não acreditamos que haja alguém em qualquer lugar de Jundiá que não deseje o asfaltamento das ruas da cidade e dos bairros.

Não importa qual seja, se asfalto quente, frio ou gelado, com base em brita, terra, ou o que seja. O que interessa é que se execute um serviço de qualidade e a preço justo.

A administração municipal insiste em executar seu plano com o apoio dos proprietários. Nada mais correto.

O que causa espécie e espanto é o descaso para com os interessados e ao público em geral.

Há informações e afirmações, muitas das quais publicadas neste jornal, sobre o preço do asfalto que exigem esclarecimentos. Se na realidade os preços estão acima do nor-

mal os proprietários irão ser prejudicados.

Não se pode aceitar que um administrador da coisa pública se firme no propósito de impingir um preço alto por um serviço, cujas especificações ficam engavetadas em sigilo.

Daí, pensarmos que não pode ser teimosia do prefeito em propor um serviço a preços injustos para prejudicar os jundiáenses e enriquecer os empreendedores. Não. Não pode ser.

Se achamos que não pode ser, temos o direito de dizer o que está faltando para esclarecer a todos nós, de modo a ficar bem definido se o preço é justo e se a qualidade é boa.

Se tudo isso for confirmado, é claro que aplaudiremos o plano do executivo, desde que se res-

peite o Código Tributário, mesmo porque chegamos a qualificar Jundiá de buracolândia tão ruim estão nossas ruas.

Mas, sejamos claros. É necessário que se demonstre numérica e democraticamente como e porque se insiste em manter o contrato para asfaltamento com a firma que apresentou um preço muito discutido na concorrência da avenida Córrego do Mato, incluindo-se que houve mudança nas especificações.

Poderá até quem sabe, ficar demonstrado com detalhes que se for aberta outra concorrência o preço fique maior. Tudo é possível, inclusive que Gutierrez está trabalhando com prejuízo.

Outra coisa que não se pode aplaudir é o sistema de solicitar ao proprietário que assine sim ou não. Um administrador não se

dignifica coagindo seus concidadãos. Ao contrário.

Então cumpre conscientizá-los, demonstrando que lhe está sendo proposto um negócio honesto que é o melhor, tanto no seu interesse particular como extensivo à comunidade.

Mas, como vamos conscientizá-los? Reunindo comissões de proprietários, trocando idéias sobre custos, valores e qualidades.

Não poderemos convencê-los, se a ninguém é dado conhecer detalhes do serviço e mesmo se há outras firmas dispostas a concorrer.

Já que os proprietários estão sendo convidados a pagar o serviço diretamente, devem ser informados porque a firma está credenciada. Esclarecer quais as propostas que foram apresentadas quais os preços e especificações.

Pode acontecer que em se abrindo outra concorrência apareçam outras propostas e o preço se reduza. Por que não tentar?

A obstinação é que se não entende. É comum uma concorrência pública resultar em condições desvantajosas. E se exatamente essa, a do plano viário tão **pixada**, for a pior? Quem responde pelos prejuízos causados?

Há que se provar que o jundiáense não está sendo lesado em sua economia. Há que se demonstrar mais respeito ao contribuinte.

Só um ato do prefeito poderá esclarecer as dúvidas e a situação. Nova concorrência para a pavimentação de ruas.

Caso contrário, paciência. Não há mal que sempre dure...

VIRGÍLIO TORRICELLI

Terão os vereadores vagas garantidas nas convenções?

Informam notícias de Brasília que substanciais modificações serão introduzidas na lei eleitoral com vistas às eleições municipais do ano vindouro.

Entre as inovações em preconício a que mais implica o interesse partidário no município é a que trata da composição da chapa de vereadores.

A não ser que venham ampliar o número de vagas, que no momento é de trinta e quatro, o expurgo dos respectivos postulantes será bastante acentuado na convenção para escolha de candidatos que se deverá realizar em agosto.

Nessa conformidade, as trinta e quatro vagas divididas por três sublegendas trará onze lugares para cada uma, ficando a maior com a sobra.

Consideremos, a seguir, as notícias de Brasília, quando adiantam que, obrigatoriamente, isto é, independentemente das secções partidárias, serão incluídos nas chapas de vereadores representantes das classes estudantis e proletárias.

Não se conhece o número desses

representantes a serem incluídos nas chapas.

Suponhamos que sejam apenas dois, que é o mínimo que se pode imaginar.

Restarão, portanto, nove vagas para cada sublegenda.

Falando em termos de Arena, vamos encontrar o legislativo com onze vereadores dóceis ao chefe do Executivo e dois apenas como franco atiradores.

Ora, se as vagas do prefeito são onze, com duas já preenchidas compulsoriamente, restam-lhe apenas nove para satisfazer os seus onze pupilos.

Dois, portanto, serão inevitavelmente marginalizados, isso se ss. se conformar em deixar de inscrever os "amigos do peito" que já se manifestam por mais de uma dezena.

Eis porque, arrematando estes comentários, temos como irretorquível a ilação de que os vereadores, se não procurarem desde já firmar a sua situação, quando acordarem, como se costuma dizer, a vaca foi p'ro brejo. C.

Alinhados prosseguem rejeitando requerimentos de informações

Os vereadores alinhados ao prefeito voltaram a rejeitar, nessa última semana, requerimentos que visavam apenas e tão-somente conseguir do Executivo informações acerca de alguns de seus atos cujo sentido não foi ainda devidamente explicado. Dois desses requerimentos, apresentados pelo vereador Abdoral Lins de Alencar, desejavam saber a respeito dos gastos feitos pela Municipalidade com a contratação de advogados para o acompanhamento de determinados feitos judiciais, quando ela já dispõe de uma Procuradoria oficialmente criada para esse fim. Em razão dos votos contrários dos vereadores Adoniro José Moreira, Antônio Tavares, Luiz Lourenço Gonçalves, José Sílvia

Bonassi, Elío Zillo e Lázaro de Oliveira Dorta, essas indagações ficaram automaticamente prejudicadas.

O onda de rejeições foi interrompida quando a Mesa colocou em votação um requerimento do vereador José Rivelli indagando qual o preço pago pela Prefeitura por metro quadrado de pavimentação asfáltica e de calçamento a macadame. Não que fosse intenção do grupo alinhado em aprovar essa proposição; acontece que no momento da deliberação três componentes do grupo estavam distraídos, deixando-se ficar sentados apesar dos apelos (não ouvidos) do líder Elío Zillo, que se levantou acompanhado apenas por Adoniro e Luiz Lourenço.

WALITA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA

conserto
e vendas
de peças
genuínas

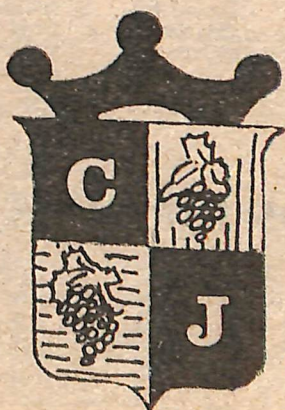
fone:
4-0384



rua dr
torres neves
nº 131

JUNDIAI
S.P.

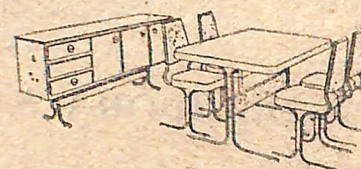
CANTINA
JUNDIAIENSE



o
melhor
serviço

R. BARÃO 910

CASA de MOVEIS PRIMAVERA



MOVEIS EM GERAL
ELETRODOMESTICOS
E ARTIGOS PARA PRESENTES
RUA DR. TORRES NEVES, 512
fone: 6.1222 -- Jundiá -- S.p.

Plantão

O aumento da criminalidade, com reflexos diretos na preocupante violência, tem sido assunto de debates, simpósios e congressos. Curiosamente, em todas (ou quase todas) essas manifestações, partindo das donas de casa, passando pelos professores e as chamadas entidades de utilidade pública, e com as opiniões apresentadas por certos psicólogos, sociólogos e psiquiatras, tem-se "encontrado", como uma espécie de denominador comum, o grande responsável pelo aumento da violência da criminalidade: os meios de comunicação social.

Ridículo.

Repito: ridículo.

Como pondera o sociólogo Joseph Klapper ("The Effects of Mass Communication"), as pessoas — às vezes, até bem intencionadas — que criticam os meios de comunicação de massa por suas emissões de violência incorrem em posições ocasionalmente injustas, históricas ou levianas.

Obviamente, a criminalidade é anterior aos meios de comunicação. Além do que, admitindo-se uma eventual responsabilidade, ela não pode ser maior (ou menor) do que a de outras instituições.

Como dizem os Evangelhos, pior cego é aquele que não quer ver. Talvez seja mais cômodo não ver, imitando a tática do avestruz (que enterra a cabeça na areia, assim que pressente a aparição de algum perigo). Absolutamente iusório supor que a abolição pura e simples de certas divulgações contribuiria em alguma coisa para diminuir, ao menos, a violência e a criminalidade.

A essa altura, parece-nos oportuno fazer três observações — "à guisa de ilustração", parafraseando alguns dos austeros críticos dos meios de comunicação:

a) **Jack**, o Estripador, tornou-se famoso retalhando mulheres. E isso aconteceu (atenção, críticos!) na Inglaterra vitoriana — tão austera quanto certos teóricos.

b) aquele senhor conhecido como **M.**, o Vampiro, perseguia meninas pelas ruas de Dusseldorf. E isso aconteceu (atenção, críticos!) sob o pouco permissivo regime nazista;

c) dentre outros, os tarados — sobejamente comprovado — são anteriores à palavra escrita.

d) Não havia rádio, jornal ou TV nos tempos de Caim e Abel.

Em congresso realizado há pouco tempo em São Paulo, um psiquiatra — daqueles renomados — responsabilizava os meios de comunicação pela violência praticada em todo o mundo, "porque o seu mecanismo de divulgação a mostra com todas as cores e em cima da hora". E mais:

"o homem pratica essa violência hipnoticamente pelas informações que recebe cotidianamente".

Esse perito em divãs repetiu o que dezenas de pseudo-entendidos têm dito nos últimos tempos. Pior do que isso, falam daquilo que não entendem e nunca viram, elocubram teorias sobre assuntos que lhe são inteiramente desconhecidos.

Aliás, conheço muitos seres desse tipo que jamais puseram os pés num estabelecimento penal, ou numa delegacia de polícia, num recolhimento de menores, embora se apresentem como "experts" na matéria. Ali, eles teriam — ao vivo — uma comprovação de que só têm dito coisas sem fundamento.

Um lugar, só para exemplificar, onde esses cidadãos jamais puseram os pés é a Casa de Detenção de São Paulo. Ali estão 5.801 presos (até poucos dias atrás) — o que representa a maior população carcerária da América Latina e uma das maiores do mundo.

Pois bem: nesse presídio-cidade (mais de 500 cidades brasileiras não possuem essa população), não se encontrará ninguém (isso mesmo: ninguém!) que tenha ido para lá porque leu **Notícias Populares**, ouviu Gil Gomes e **Beija-Flor**, ou assistiu **Os Intocáveis**. Ou similares.

Portanto, elocubreadores ou pessoas realmente interessadas em descobrir o porque de tudo: basta, porque é pura bobagem usar os meios de comunicação como bode expiatório. É preciso estudar, investigar, perque-

rir e solucionar. E a violência, como diz Krishnamurti, é muito mais sutil e profunda.

PERCIVAL DE SOUZA



filiada à **CONSULTORES:**
Paulo Mauricio
Fernandes
Maria Helena
Fernandes
Egle Lopes Vigilante
A. C. Chelli

Estamos selecionando para empresas da região, sob rigoroso sigilo, candidatos para as seguintes funções:

DEPARTAMENTO SECRETARIAL	
AUXILIAR DE ESCRITA FISCAL — Moça c/ profundos conhecimentos sobre a legislação	1.200,00
AUXILIAR DE CÁLCULOS — Moça c/ datilografia e ccs. de cálculos	1.000,00
DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO	
ANALISTA DE O&M — Homem c/ ccs. na área p/ implantação	8.000,00
ANALISTA DE CARGOS E SALÁRIOS — Homem c/ vasta exp. p/ implantação	8.000,00
AUDITOR SENIOR	A/C
AUDITOR JÚNIOR	A/C
ANALISTA CONTÁBIL E DE CUSTOS — C/ técnico, c/ ccs. de despesas indiretas, transferências, composição de custos e produtos, variação de custos, inventários físicos e inventários de estoque	3.970,00
AUXILIAR DE CONTABILIDADE E ESCRITA FISCAL — Rapaz c/ ccs. de contabilidade, cursando técnico e gde. exp. na área de escrita fiscal	1.500,00
DEPARTAMENTO DE VENDAS E MARKETING	
Homem casado c/ condução própria, dinâmico p/ trabalhar na área de vendas	A/C
DEPARTAMENTO TÉCNICO	
CHEFE DE MANUTENÇÃO — C/ ccs. montagem, manutenção de equipamentos químicos, solda elétrica e oxigênio	A/C
ENCARREGADO DE OBRAS — C/ ccs. de leitura de plantas e construção civil	A/C
ENGENHEIRO MECÂNICO — C/ exp. ant. comprovada em manutenção geral industrial	9.000,00
ENGENHEIRO ELETRÔNICO — C/ sólida vivência em indústria eletrônica	8.000,00
CRONOMETRISTA — Rapaz c/ ccs. gerais de tempo, cronometragem e controle de operação na área de produção	A/C
TÉCNICO SUPERVISOR — Homem c/ ccs. de ferramentas, mecânica, desenho e sistemas de trabalho	A/C
DEPARTAMENTO INDUSTRIAL	
CHEFE DE PINTURA — Exp. pintura industrial, limpeza de fundos, jato de areia e pintura a revólver	17,00 p/hora
TORNEIRO MECÂNICO — Exp. anterior comprovada	3,00 p/hora
MECÂNICO DE MANUTENÇÃO — C/ SENAI, ccs. solda elétrica, oxigênio, prensa e lixadeira	11,00 p/hora
CHEFE DE PRODUÇÃO — Técnico químico, exp. em cargo de chefia p/ produção	6.000,00
ELETRICISTA — C/ ccs. manutenção elétrica, chave de óleo, chave estrela e magnética	7,00 p/hora
VIGIA — C/ ginásio, exp. anterior, boa caligrafia	6,00 p/hora
Os interessados deverão procurar-nos das 8:00 às 18:00 horas. Aos sábados das 8:00 às 12:00 horas, ininterruptamente à rua Engenheiro Mourão, 632 — Fone: 65987.	
NÃO COBRAMOS NENHUMA TAXA DOS CANDIDATOS.	

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE
OS
PREÇOS
SÃO
SEMPRE
OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4.1775
ESTACIONAMENTO PRÓPRIO

O pastor reúne suas ovelhas: os favelados da Vila Nambi

Prosseguindo um trabalho que visa a demonstrar as condições em que vive enorme parcela da população de Jundiaí, ao mesmo tempo que milhões de cruzeiros são gastos em obras de duvidosa necessidade no momento atual, o JORNAL DE 2.a apresenta mais este quadro aos seus leitores.



A vida na favela não é má. Falta é diversão

O que preocupa os moradores da favela, mais que todas as dificuldades próprias do local, é a instabilidade



de decorrente do fato de não serem donos da terra onde seus barracos estão construídos.

Geraldo Americino Rosa, falando sobre isso, relata:

— Faz uns dois meses, veio aqui um homem com a polícia e disse que teríamos que ir embora. Teve gente que tinha chegado de mudança, estava dormindo ao relento enquanto erguia um barraco e teve que ir lá pro Jardim Tamoio porque não podiam ficar aqui. Foi o pastor quem quebrou o nosso galho pra podermos ficar.

Vicente Amaro de Souza, pai de três filhos, morando num barraco vizinho ao de Geraldo, diz que a vida na favela "até que é sossegada, muito legal". Queixa-se apenas da falta de divertimento:

— Diversão nossa é trabalhar de domingo a domingo e feriado quando tiver!

Os cultos se realizam às quartas e domingos, às 19h30m. O comparecimento é grande. Aproximadamente oitenta pessoas, entre as quais muitas mulheres com crianças no colo, superlotam os bancos distribuídos pelo interior do barraco de 5m x 6m onde o pastor Orlando Gazoli faz as suas pregações em nome da Assembléia de Deus.

Embora externamente se assemelhe com os demais (cerca de 100), esse barraco onde a igreja está sediada há quase um ano é relativamente confortável, possuindo piso de cimento e até luz elétrica. Situa-se não muito no alto do morro e pelo menos até ele o acesso é possível mesmo de carro.

É esse o local que os favelados da Vila Nambi procuram para agradecer a Deus por lhes dar força e resignação para suportar seus sofrimentos. Quase todos trabalham nas fábricas existentes nas redondezas e com os salários que ganham sequer sonham residir numa casa própria ou mesmo de aluguel. De certa forma se contentam até em poder continuar ocupando seus barracos construídos em terreno alheio e sem condições mínimas de higiene, saúde e segurança. Apenas para exemplificar: a água que bebem, se banham, usam para a lavagem de roupas e no preparo da comida é retirada de um poço existente próximo de uma casa de tijolos localizada no fundo do vale e, já pela cor, percebe-se que está seriamente contaminada.

O pastor Gazoli inicia o culto com a leitura de um trecho do Evangelho, de onde tira lições de fé e resignação para todo seu rebanho. Depois lê pedidos de orações que são deixados sobre sua mesa por aqueles que esperam por uma graça, por um milagre que ponha fim a algum problema que os venha afligindo. Um emprego para o marido, a cura de um filho doente, esses são os pedidos mais frequentes.

Na sequência dos trabalhos o pastor libera a palavra a quem deseje dar seu testemunho de fé. E há sempre alguém disposto a atender essa convocação, indo até a mesa e dali dirigindo a todos uma exortação, após o relato de uma graça recebida.

Notando a presença dos repórteres no meio do seu

rebanho conhecido, o pastor interrompe os trabalhos para lhes indagar no que poderia ser útil, se o caso fosse de uma entrevista. Diante de uma tal abertura — e a despeito dos olhares de censura dos fiéis —, um dos jornalistas se aproxima da mesa, explica que se propõe a mostrar a vida na favela, inclusive no que diz respeito ao atendimento espiritual dos favelados, e procura sintetizar numa só pergunta toda a sua curiosidade:

— Como a igreja foi recebida aqui na favela e que tipo de atendimento vem dando aos favelados: somente o espiritual ou também o material?

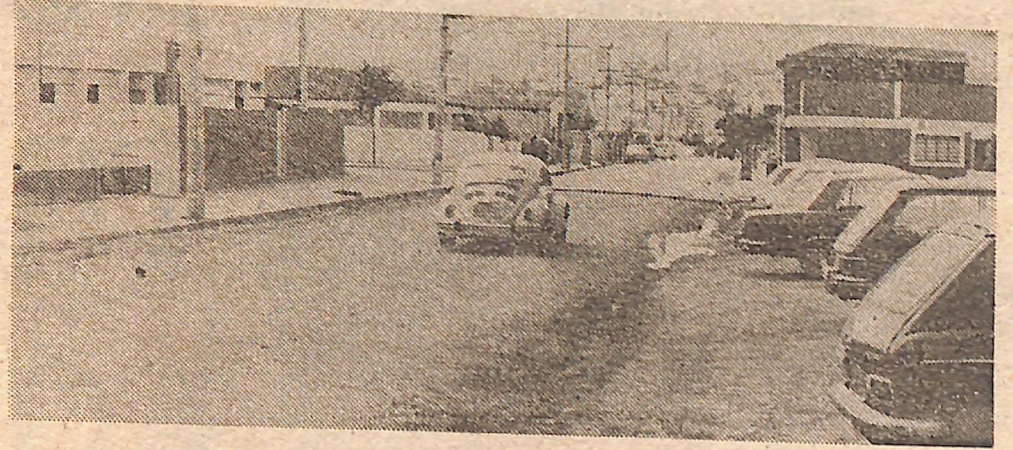
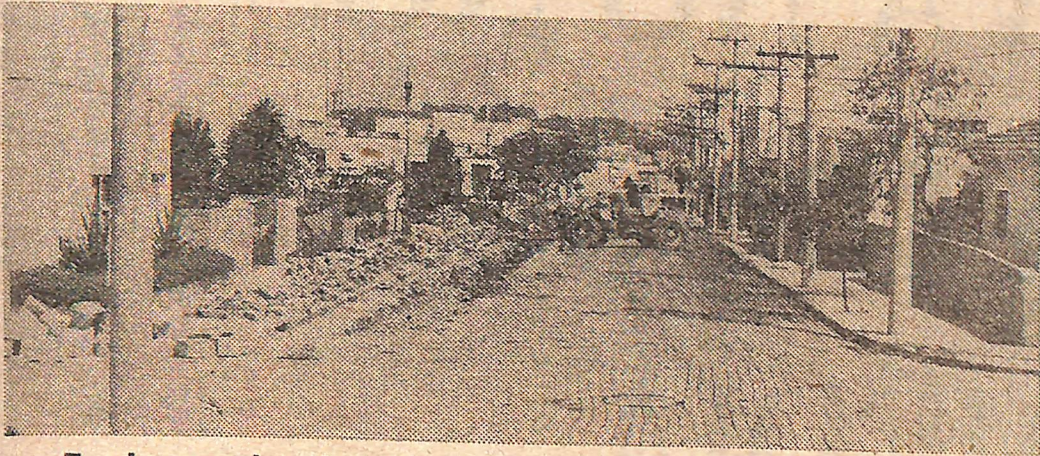
O pastor conta, então, que a ida da Assembléia de Deus para a Vila Nambi se deveu ao fato de muitos de seus adeptos ("irmãos") terem se mudado para lá, não podendo mais frequentar os cultos na cidade. Assim sendo, no começo eram apenas os antigos "irmãos" que recebiam aquele atendimento espiritual na favela; com o passar do tempo é que a frequência aos cultos foi aumentando e todos foram se acostumando. Quanto a prestação de ajuda material aos favelados, Gazoli diz que ocorre sempre que ele é procurado por famílias realmente necessitadas, não sendo raras as vezes que isso acontece por motivo de doença ou desemprego de quem tem a responsabilidade de mantê-las.

Com sua resposta, o pastor deixa evidente que sua igreja está sendo bem aceita entre os favelados e que se preocupa também com a promoção social deles, embora as condições de chegar a isso sejam difíceis.



A favela recebeu a igreja num de seus barracos

V. Rami-Centro (via Pirapora), o trânsito quase impossível



Trecho em obra força o tráfego a passar por ruas sem condições de suportar a carga de veículos maiores...

... enquanto que outro trecho, em terra, da mesma 23 de Maio, impede a melhor utilização dessa rua.

Os motoristas, particulares, de caminhões, de ônibus, de utilitários, de táxi, todos ficam aborrecidos com a mal explicada obra da rua 23 de Maio. Mal explicada porque, pelo pouco que dela se sabe, é galeria que deveria ser feita depois do rebaixamento do rio Guapeva, condição necessária ao perfeito escoamento das águas daquela parte do Vianelo.

Mas falando do problema do trânsito, se atentarmos à rua 23 de Maio, veremos que o aborrecimento causado aos motoristas apenas está aumentando com aquela obra.

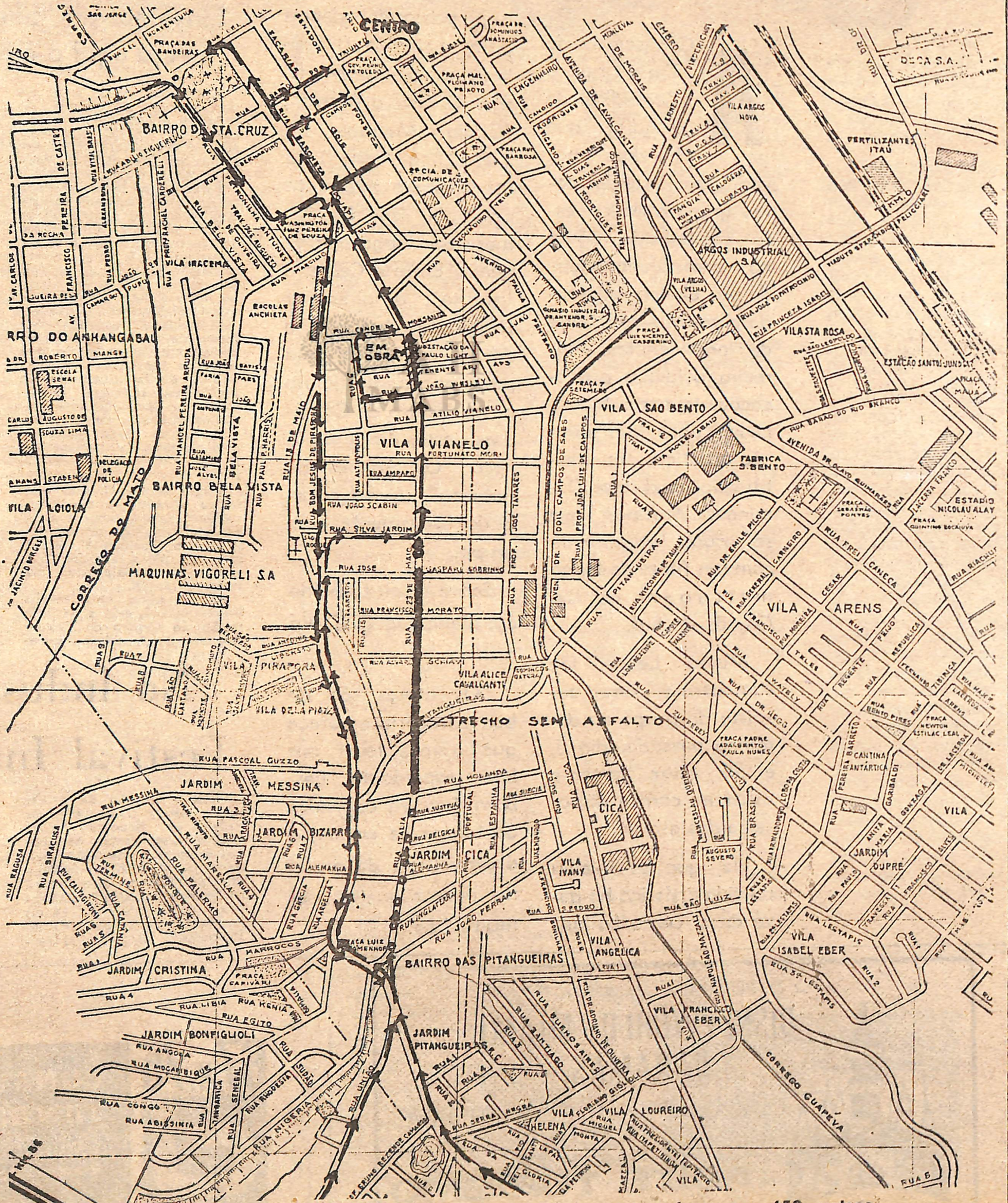
De fato, há muito (desde 1969) que se tem sugerido, à chefia da administração municipal, o asfaltamento do pequeno trecho daquela rua, ligando-a à rua Itália, no Jardim Cica. O próprio DETRAN, através do arquiteto Waldson, que fez a primeira maior organização do trânsito em nossa cidade, também fez aquela sugestão à Prefeitura em 1970-71.

Obra tão pequena traria tamanha melhoria ao tráfego daquela área. O movimento de veículos das ruas Pirapora e União, sentido bairro-centro, depois da rua João Ferrara concentra-se todo na rua Pirapora, justo no trecho em que ela é estreita e muito sinuosa. A separação em mão única só acontece na rua Silva Jardim. O trecho pior se percorre em mão dupla, ou seja, toda a extensão do Jardim Cica e boa parte do Vianelo.

Todos os motoristas que transitam entre Vila Rami e o centro conhecem as ruas Itália e 23 de Maio.

Chateiam-se em não poder utilizá-las, pela falta daquele pouco asfalto, e aborrecem-se por terem que fazer um trajeto ruim, em mão dupla, que não só é pior ao tráfego de veículos como torna mais perigosa a movimentação dos pedestres.

Como se vê, a falta de uma pequena obra pública aborrece tanta gente e como se vê, essa tanta gente até se acostuma com o aborrecimento. E nem mesmo reclama. Precisa até de um novo aborrecimento para lembrar-se do antigo.



A Pirapora afogada por causa de um trecho sem asfalto, de apenas 450 metros.



GENTE NOVA NO NOSSO TEATRO DE COMÉDIA

A Companhia de Teatro e Comédias de Jundiá, que há doze anos vem funcionando como grupo amador, está empenhada agora na profissionalização do seu elenco, adotando para isso uma série de providências. Primeira delas: a convocação da atriz Maysa Leone para sua direção artística, em substituição ao diretor Domingos Antunes, que se ocupa atualmente com um filme de longa metragem no Rio Grande do Sul.

Maysa Leone fez sua estréia como ensaísta do grupo no domingo passado, dia 5, e diz estar bastante satisfeita com a disposição dos atores.

Ela, que se iniciou na vida artística há doze anos, como bailari-

na, passando depois para o teatro (trabalhou nas peças "Martinho Contra o Morto", "Cinco Minutos no Vietnã" e "Hair"), já foi também intérprete principal em dois filmes de longa metragem ("Entre o Céu e o Inferno", dirigido por Domingos Antunes e Aruã), além de sua participação especial no nosso Teatro de Comédias, está dirigindo a peça "Os Amores de Roberta", a ser encenada brevemente pelo grupo.

Sobre o seu trabalho e o elenco da CTC, ela afirma:

"Os atores são de boa categoria e parece que iremos levar um bom espetáculo. Embora isso vá depender do tempo de ensaio, a desenvoltura do grupo me parece que vai ser muito boa."

Entramos na "Semana de Letras". Veja aqui o que é que vai ser.

Acontecerá de 13 a 21 do corrente, na Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta, a "TERCEIRA SEMANA DE LETRAS", patrocinada pelas fábricas de fósforos Argos e Guarany.

Participando do evento estarão: Sônia Brayner Coutinho (esposa de Afrânio Coutinho), profunda conhecedora de Literatura; integrantes da Longman Work Shop (apresentando técnicas de ensino da língua inglesa, baseadas no livro "Main Line"); Samir Curi Meserani (autor de "Criatividade", expondo técnicas de ensino da língua portuguesa, baseadas no seu livro) e Mrs. Fobé, coordenadora do Departamento de Inglês da Unicamp (abordando o tema "Dramatização como técnica de ensino").

Destaque ainda para a participação dos professores Duílio Colombini e Dino Preti.

Sérgio Mamberti, ator que figura atualmente em "Reveillon", falará sobre teatro, assunto bastante conveniente, já que o movimento teatral está em plena ascensão na cidade, principalmente no meio estudantil.

Haverá ainda uma sessão litero-musical, com a participação do Centro de Teatro Amador de Americana apre-

sentando "Romaria", poemas e canções de Vinícius de Moraes.

O programa para essas apresentações é o seguinte:

Dia 13, 8 horas — Samir Curi Meserani — Metodologia de ensino da língua portuguesa.

Dia 14, 8 horas — Longman Work Shop — Metodologia de ensino da língua inglesa.

Dia 16, 8 horas — Dino Preti — A linguística - Sociolinguística.

Dia 17, 8 horas — Sônia Brayner Coutinho — A literatura brasileira - Impressionismo.

Dia 18, 8 horas — Duílio Colombini — A literatura portuguesa - Fernando Pessoa.

Dia 18, 20 horas — Sessão litero-musical - Poemas e canções de Vinícius de Moraes.

Dia 20, 8 horas — Mrs. Fobé - Dramatização como técnica de ensino.

Dia 21, 8 horas — Sérgio Mamberti - O teatro - Encerramento.

Os interessados em participar deverão dirigir-se à secretaria da Faculdade para fazer suas inscrições.

No Industrial, um Festival Inter-Classes

Sob orientação da professora Genny Sampataro, da cadeira de Educação Artística, diversos grupos de alunos estão se preparando para participar do Festival de Teatro Inter-Classes que deverá realizar-se no Ginásio Industrial de Jundiá, dia 14 do corrente, véspera do "Dia do Professor". Segundo infor-

mam na escola, praticamente todas as classes de 1.º e 2.º graus irão tomar parte, apresentando peças criadas pelos próprios alunos ou de autores conhecidos. Pelo trabalho apresentado os alunos receberão notas nas partes referentes a direção, criação e interpretação.

EL PESSOAL - VAMOS A

DISNEYWORLD - MIAMI

BAHAMAS

SOLICITE A VISITA DE NOSSO PROMOTOR
TUDO A SEU ALCANCE

EM DIAS INESQUECÍVEIS

ABITE TURISMO

ROSARIO 515 - FONES 61530 - 43922

67⁸ 75
ANOS

di

**CONSTRUTORA
JUNDIAI LTDA.**

r. Siqueira de Moraes n.º 578
8º andar - conjunto 801 - C

REFLEXÃO

Investimento no homem

Os fatos que se tem registrado estão a demonstrar que todo cidadão aspirante ao cargo de administrador público deveria antes ser cientificamente preparado, não se permitindo jamais a posse de homens empíricos num cargo dessa natureza. Deveria se exigir de um administrador um mínimo de cultura geral, de organização, de comunicação, de racionalização, de formação humanística, de controle emocional e outros atributos, completados pelo caráter, por um resquício de bom senso, elemento este essencial em todo o conjunto.

Se o Estado exige um curso de alguns anos de formação para que o cidadão possa exercer uma determinada profissão liberal ou desempenhar determinadas funções, como se admitir que para o cargo público, ainda que temporário, seja conduzido pelo povo uma pessoa sem as mínimas condições, geralmente incapaz até mesmo de conduzir seu próprio lar, o orçamento doméstico e, muitas vezes, portador de uma moral tão elástica, inaplicável no exercício profissional, que exige uma moralidade superior nos negócios públicos?

Mas, como fazer isso? Não temos condições, dizem alguns. Só a educação em sentido amplo preparará para o futuro homens decentes e capazes de gerir a contento os negócios da coletividade. Não é verdade. Se partirmos da premissa incontestável de que a educação é investimento e que a riqueza de um povo se mede pelo seu grau de cultura, não há outra coisa a se recomendar senão "mãos à obra"!

Não seria demasiadamente dispendioso para o Estado manter na Capital de cada unidade da Federação um curso de preparação de homens interessados em cuidar da coisa pública. Esse investimento é essencial para a libertação econômica do nosso País, para a nossa soberania, para a nossa segurança e desenvolvimento. Os frutos viriam cedo. Nenhum homem poderia postular eleitoralmente uma função pública sem antes receber os ensinamentos mínimos exigidos para desempenhá-la. O nosso Produto Nacional Bruto por certo se duplicaria e triplicaria. Em curto prazo passaríamos ao equilíbrio econômico internacional, ante a potencialidade econômica que a natureza nos premiou.

Para justificar esta tese, sinto o sr. leitor que, se a administração atual e mesmo as anteriores convenceu ou convenceram o povo desta castigada cidade, esse fato só podemos atribuir ao total despreparo dos homens que compõem e compuseram a administração de Jundiá. Você, amigo leitor, acha possível que um administrador público pode praticar os atos que esta administração está praticando? É concebível a carga tributária lançada de 1973 para cá? O fechamento de estabelecimento cujo prédio foi por ela própria autorizada a construção? O abandono de serviços públicos? Os gastos faraônicos com jantares e publicidade? A onerosa e dispendiosa máquina administrativa que foi montada? As despesas elevadíssimas na construção de uma avenida que não liga nada a lugar nenhum? Uma concorrência condenada por técnicos e juristas, tida como lesiva aos cofres públicos e ilegal? etc? etc? etc?

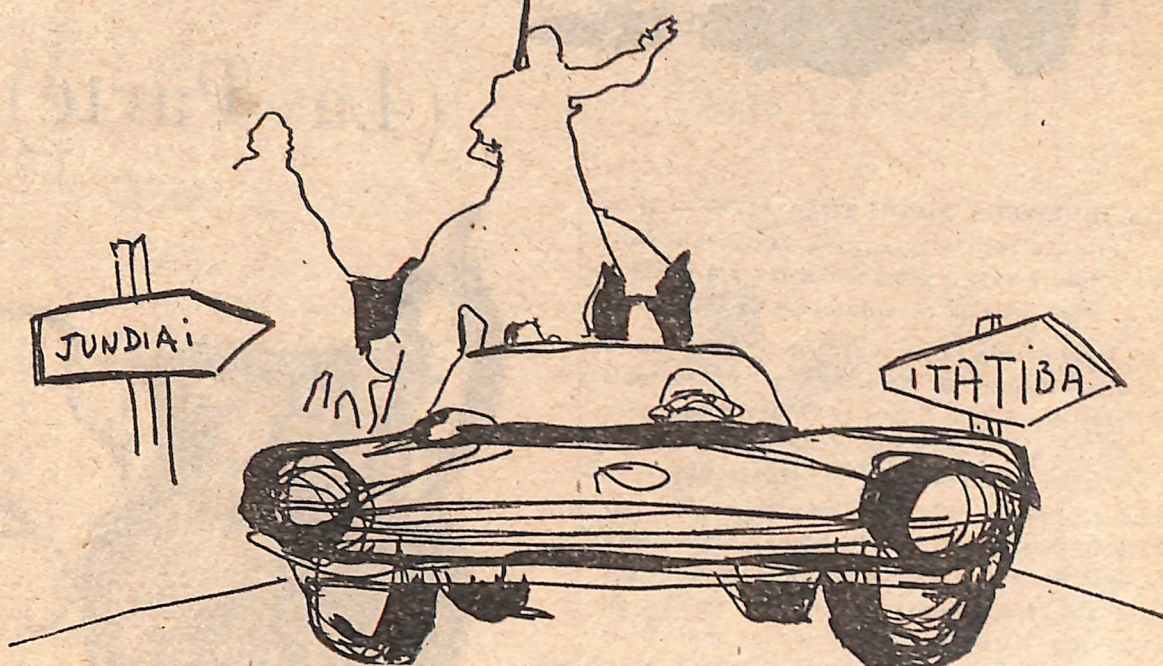
E indo mais longe, uma administração equilibrada emocionalmente, usaria o nome de uma pessoa de direito público — a Prefeitura Municipal de Jundiá — para, em satisfação própria e pessoal, indispor nossa cidade com a Assembléia Legislativa do Estado, à qual devemos todo respeito como instituição viva e atuante do regime democrático e da qual dependemos para a solução de muitos de nossos problemas?

Dai, lê-se o que os deputados estaduais disseram e veja-se quanto mal preparado estava o nosso prefeito para ser guindado a esse cargo.

Hão os srs. leitores de concluir que é realmente necessária a preparação dos homens públicos para o exercício de seus cargos. Os que assim não entendem, que venham expor suas idéias com premissas e argumentos válidos. Este jornal está à disposição para publicar o pensamento dos que divergirem da opinião aqui exposta.

O PENSADOR

A grande estréia



O "Cacau" já estava iniciando a limpeza de velas, de carburadores, de platinado. Os carburadores eram dois, quádruplos, Carter americanos. Com uma redinha de filtragem na entrada. Que trabalho me deram uma vez. Qualquer impureza e o carro começa a perder potência e ratear.

Não perdia um movimento sequer. Afinal, aquele mecânico merecia respeito. Para trabalhar com o Chico precisava ser dos bons. E a eficiência dele era notada também nos pequenos detalhes, como, por exemplo, pelo exame dos furos da carroçaria por onde passasse qualquer fio ou tubulação. Pela limpeza das partes mecânicas em que estivesse trabalhando. Pela calma e precisão de movimentos. Pela concentração no que estava fazendo. Baixo, corpulento, beigudo, mulato, eficiente, quieto, preciso, sotaque de carioca e, como não poderia deixar de ser, amigo d'uma "caninha". Mas só quando não interferisse no serviço. Esse era o "Cacau", mecânico de confiança. Pouco depois, casou-se com uma italiana.

No meio da tarde, quando o Chico pensou que pudesse se livrar de mim, comecei um interrogatório. Com respeito à lubrificação: que óleo, quantos litros no motor, no câmbio, no diferencial. A frequência das trocas, a quantos graus de temperatura de óleo poderia trabalhar o motor. As graxas de cubos de roda, de suspensão. Pressão dos pneus dianteiros, dos traseiros, na chuva, no seco, com

o tanque de gasolina cheio (150 litros), vazio. Regulagem de válvulas de admissão, de escape. Giclagem de gasolina, de ar, difusor, emulsionador. Pressão dos amortecedores. Ponto da distribuição. Folga dos platinados. Mistura de gasolina. Rotações do motor. Curva de potência. Foi aquela chateação. E, ao final, a pergunta insolente:

"Qual o seu melhor tempo em Interlagos com essa Carretera?"

E com aquele sorriso de quem nunca perde a fleugma, respondeu:

"Bem, já 'virei' em 4,13 uma vez."

E eu gravei bem isso, porque seria um ponto de referência para mim nos futuros treinamentos.

Rua Afonso Braz, avenida Santo Amaro, Iguatemi, Estrada da Boiada, Anhangueira, Jundiá, no finzinho da tarde. Uma vontade louca de dar "uma ciranda" pela rua Barão e parar na Paulicéia. Mas seria uma afronta fazer isso com um carro de corridas, sem para-lamas, pintado e com o escapamento aberto. Deixei para mais tarde.

E logo depois das 20 horas não aguentei mais

esperar. Paulicéia, passando pelas ruas em marcha bem lenta para o barulho do motor não ser notado.

Mas a vontade de pegar uma estrada era muito grande. E logo veio a idéia: quanto tempo até Itatiba? E a turma toda foi para a Barreira. Alguns saíram antes para parar pela estrada e apreciar a passagem. Outros iriam esperar na entrada Itatiba.

Deram até um "lar-ga" simbólico, logo depois dos trilhos. Ali pela frente da chácara do dr. Castilho. Fiz a primeira curva para a direita na frente do Matadouro. A segunda para a esquerda, antes da ponte, logo em seguida. E tudo ficou às escuras. Um traíçoeiro curto-circuito na instalação apagou os faróis, cheirou fiação queimada e acabou com a festa. Se não me engano, foi um minúsculo fio que perdeu o isolamento e encostou na carcaça do distribuidor. Fim da festa e início das decepções com a mecânica dos carros de corrida. E o humilhante de voltar rebocado para a oficina, com todas as curvas da estrada de Itatiba pela frente.

ANTONIO CARLOS AVALLONE

MAQUINAS DE ESCRITÓRIO
USADAS?
CLÁUDIO TEM.
PROCURE-O.
RUA PRUDENTE DE MORAES, 806



Paulista F.C.

50 anos de glórias

(4.a Parte)

...E A DIRETORIA FICOU TRÊS ANOS — Desceremos, agora, a cortina que nos separa dos distantes anos de 1916 e 1917 e acompanhemos, em espírito, o sétimo e oitavo anos da vida do clube da Vila Leme.

As 20 horas do dia 14 de fevereiro de 1916, com a presença de 37 associados, realizava o Paulista mais uma de suas assembléias gerais, esta convocada para a eleição da nova diretoria, que assim ficaria constituída: presidente, Tibúrcio Estevam de Siqueira; vice-presidente, José Mantila; 1.º secretário, João Batista Curado; tesoureiro, João Rodrigues Bravo. Esta diretoria, que devia ter mandato de um ano, dirigiu a sociedade até 24 de janeiro de 1919. Os motivos da dilatação e seu mandato iremos narrar aqui, mais adiante.

— oOo —

PAULISTA INFANTIL — Em princípios de 1916, recebeu a diretoria recém-empossada um abaixo-assinado de 22 menores que desejavam formar um quadro infantil. Os diretores aceitaram essa sugestão e deram a esse quadro de meninos o nome de "Paulista Infantil", nomeando como seus responsáveis os srs. Antonio Giovani e Dino Siqueira.

Eram os seguintes os meninos que, naquela época, formavam esse quadro infantil: Jarbas Alves Ricci, Antero dos Santos Clemente, Luiz Bonilha, Joaquim Paupério, João Araújo, Rodolfo Argento, José Varanda, Artur Araújo, João Normanthon Júnior, Benedito Ribeiro, Floriano Peixoto Melo, Antonio Duarte, José Pinto da Costa, Renato Cardereli, Cândido Mendes, Durval Mendes, José Lamaneres de Oliveira, Brasil Eugênio Peçanha, Gregório Fábri, Angelo Almeida Sales, João Caetano de Almeida e Paulo Ferreira. Desses elementos, dois vieram, mais tarde, a se destacar como grandes jogadores do Paulista: Cândido Mendes (Candão) e José Lamaneres de Oliveira.

— oOo —

JOGOS AMISTOSOS — Há 60 anos passados não era o futebol tão difundido como nos dias atuais. Para tratar-se um jogo intermunicipal os primeiros entendimentos eram geralmente pessoais e acompanhados de uma certa cerimônia. O "Touring Club", um dos grandes quadros do futebol paulista em 1916, desejou disputar um jogo com o Paulista em São Paulo, no Parque Antártica. Mas para tratar da realização dessa partida, que seria disputada no dia 6 de fevereiro, os jundialenses receberam um ofício daquele clube romunicano que no dia 30 de janeiro viria a esta cidade uma comissão de diretores para entabular as condições para a ida do Paulista a Capital. Por sua vez, a diretoria do tricolor nomeou também uma comissão para esperar na estação da SPR (atual Santos-Jundiaí) os visitantes e hospedá-los condignamente.

Em outra ocasião, o Paulista recebeu um convite do Clube Atlético Santista para visitar a cidade pralina com os seus 1.º, 2.º e 3.º quadros e levar também a Banda Paulista que, então, contava com 40 figuras. Eram, pois, verdadeiros acontecimentos esportivos e sociais a realização de um jogo de futebol intermunicipal naqueles tempos.

O "Bela Vista FC" esteve nesta cidade no dia 4 de junho de 1916. Na preliminar desse jogo, onde se



Em 1919, o Paulista iria ganhar esta taça do Antartica E.C.

defrontaram os segundos quadros, o tricolor venceu por 2 a 0 a equipe visitante. O jogo principal não chegou ao fim, eis que o juiz do encontro, que fazia parte da delegação visitante, atuando com visível parcialidade, provocou a paralisação da partida porque o quadro local retirou-se de campo.

No domingo seguinte, dia 11, veio a Jundiaí o "Juqueri FC", então vencido pelo Paulista por 3 a 1 e 2 a 0, respectivamente, na preliminar e no jogo principal.

Apesar de toda a solenidade que precedia ao acerto de um jogo ainda haviam confusões e mal entendidos que não deixavam de ter um certo sabor chistoso. Isto aconteceu, por exemplo, em 22 de novembro de 1916: — O Paulista convidara para um jogo nesta cidade o "Brás FC", que não aceitou o convite. Então entrou o clube jundialense em conversações com o "Spartanos FC", que concordou em jogar aqui naquela data. No entanto, uma grande surpresa estava reservada aos diretores do Paulista que foram à estação recepcionar o "Spartanos": ao invés de chegar apenas este clube, aceitante do convite, vieram, no mesmo trem, também os dois quadros do "Brás FC". Segundo ficou esclarecido, os dirigentes do "Brás", depois de terem recusado o primeiro convite, enviaram para cá um ofício reconsiderando tal ato e aceitando o jogo, ocorrendo, contudo, que tal ofício não chegou às mãos dos diretores do clube local.

Como naqueles tempos os jogos não eram feitos por dinheiro, tudo ficou resolvido com facilidade: — O primeiro quadro do "Spartanos" jogou com o primeiro do Paulista e o segundo quadro do Paulista jogou com o primeiro quadro do "Brás", ficando os segundos quadros visitantes sem jogar. Não nos foi possível saber, nos documentos pesquisados a respeito desses, quais os resultados em gols mas, apenas, que no jogo principal venceram os locais e na preliminar os vencedores foram os visitantes do "Brás".

— oOo —

NADA SE RECUSA AOS QUE PRECISAM — A diretoria do Asilo "Anália Franco" enviou ao Paulista, em 1916, um ofício solicitando autorização para realizar uma tómbola no campo e, também, que o Paulista fizesse um jogo com renda em benefício daquela entidade.

A diretoria do clube atendeu aos dois pedidos, cedendo o campo para a realização da tómbola e convidando o "Touring Club" para o jogo beneficente aqui nesta cidade. Nesse mesmo ano se realizou ainda um outro jogo beneficente, desta feita em favor do Hospital São Vicente de Paulo.

— oOo —

OUTRO CAMPEONATO INTERNO SEM CAMPEÃO — O campeonato interno de 1916, como o do ano anterior, estava destinado a não chegar ao seu término. Em 18 de maio foi que se resolveu constituir quatro quadros para disputar tal certame. Os nomes dados a esses quadros foram: "Petrópolis", com o uniforme amarelo e branco e capitaneado por Antonio Giovani; "Rubens Sales", com as cores branca e preta, capitaneado por José Camilo; "Branco", com o uniforme todo nessa cor, dirigido por Paulo Corrêa da Silva; e um quarto quadro sobre o qual não nos foi possível apurar qualquer informação a seu respeito.

O senso de responsabilidade vivia sempre a imperar na mente daqueles diretores, cômicos de suas obrigações. Faziam, portanto, cumprir os estatutos com todo o rigor. Em 29 de outubro a diretoria tomava decisão idêntica a do ano anterior, relativamente a um caso de indisciplina. O campeonato foi suspenso quando faltava uma única rodada para seu fim, isto em virtude de vários jogadores estarem atrasados com o pagamento de suas mensalidades. Um castigo bastante "sui-generis", mas acertado, tendo-se em vista o estatuto. E, assim, também 1916 ficou sem um campeão.

— oOo —

EXEMPLO DE DISCIPLINA — Em assembléia geral realizada dia 16 de junho de 1916, foi levada à mesa que presidia os trabalhos uma representação dos próprios jogadores pedindo para que fosse vedado a qualquer jogador do Paulista tomar parte em jogos de outros clubes, sob pena de eliminação do quadro respectivo.

A assembléia aprovou por unanimidade esse pedido.

Nos tempos atuais, talvez, pareça esdrúxula uma atitude como aquela. Mas assim não pensavam os diretores do Paulista naquela época. Para eles, a disciplina, o respeito e, sobretudo, o amor à camisa, tornavam naturais esses atos, necessários para o bom nome do clube e mesmo do esporte.

Na reunião da diretoria, em 16 de julho, o presidente Tibúrcio Siqueira declarou, com bastante pesar, que cinco jogadores haviam transgredido o que a assembléia havia homologado um mês antes e, com isso, ficou decidido que os tais jogadores seriam eliminados do Paulista, apesar de dois deles terem justificado suas faltas, por ofícios.

Os diretores tinham por divisa que a disciplina estava acima de tudo e que era preferível, se necessário, acabar com o time pela disciplina do que pela indisciplina.

Isto diz tudo sobre o procedimento daqueles dirigentes.

— oOo —



PASSAR HORAS ALEGRES COM AMIGOS
SABOREAR AS DELÍCIAS DA COZINHA ARABICA
PIZZAS DE TODA ESPÉCIE, RIBES, ESFIMAS, LANCHES
bebidas nacionais e estrangeiras
lembra-se
aberto até às
400 hrs. da manhã
fone 4.2669

**KIBE
KADI**

rosario,
239

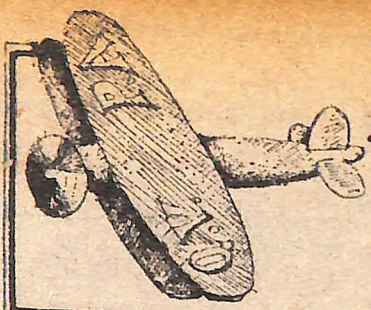
**TAPEÇARIA
BRASIL**

ESPECIALIDADE
EM TAPEÇARIA DE
AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n: 224
FONE 6.5977

José Faggiano Júnior
próxima semana como
foi fechado com
muros o campo do
Paulista F.C.
estará narrando na
na Vila Leme.



O QUE VAI PELOS ARES

Ingmar em Jundiaí

Até parece por engano, mas, de fato, está aí o "Gritos e Sussurros", de Ingmar Bergan. Sim, no Marabá, de 12 a 14 do corrente, ou seja, até esta próxima terça-feira.

Ainda bem que não estou no bolo dos tantos que viajaram para São Paulo e Campinas com o fito de ver a fita. Aqui mesmo, portanto, sem uma incômoda viagem, não tão depois do seu lançamento em São Paulo, vou poder vê-la. Para filmes dessa qualidade, é raro acontecer isso em Jundiaí. O negócio é aproveitar.

Em tempo: Aos muitos jundiaenses que já assistiram "Gritos e Sussurros", fica a oportunidade de revê-lo. E aos outros apreciadores de cinema, a chance de saboreá-lo pela primeira vez. Esperamos que não tenha sido por engano que o Marabá anunciou esse filme, e que seja intenção da empresa local de cinema repetir isso com outros lançamentos do bom cinema. (A.F.P.)

A cabeça

"O Pasquim" da semana passada publica excelente matéria com depoimentos de intelectuais lúcidos brasileiros contra o assassinato dos 5 bascos em Madri. E lamenta, na mesma matéria, o silêncio brasileiro, tanto das autoridades quanto do povo, diante do fato que provocou até um pronunciamento do Vaticano.

É realmente lamentável. Mas, pior que isso, a meu ver, é a passividade de todo mundo aqui frente à ameaça de assinatura dos contratos de risco para exploração do petróleo (eles virão, podem crer).

Esses contratos são a cabeça de ponte das multinacionais contra o monopólio estatal do petróleo.

Ao aceitarmos isso, convém lembrar que ponte não tem ombro.

(E. M.)

É disco que gosto

Outro dia foi posta na vitrola parte da discoteca de dona Elza Mazzei. Foi ouvido na ocasião Emílio Pericollí, cantando Ciao Ciao Bambino, Arrivederci Roma, entre outros. Meio italiano, meio versão em inglês. O disco data de 1962. Em seguida, entrou a sensação da década dos sessenta, signore Domenico Modugno. Dentre os sucessos, o mais significativo era "Sta sera pago io". Logo depois, Luigi Tenco, com alguns inéditos, gravados, ou melhor, mixados (do verbo "to mix", não, não é Tom Mix, belezinha) a partir de gravações feitas com acompanhamento de violão, passados para a "bolacha" com fundo de orquestra, num esforço de produção da época. Como todos sabem, Luigi Tenco suicidou-se em pleno Festival de San Remo, em 1965, cantando Ciao Amore, Ciao. Devo, "signorina", chamá-la para uma queda de braço? Dar-lhe "um alô"? Chegar no "teu pedaço"? Ou recomendar essa audição? Dona Elza, é o seguinte: quem guarda tem.

(EDUARDO)

Sai, azarão!



O deputado federal Ulisses Guimarães, presidente nacional do MDB, falando na Tv Bandeirantes sobre o nascimento do partido da oposição, afirmou o u que a agremiação deveria se chamar Ação Democrática Brasileira. Mas, por sugestão de Tancredo Neves, o nome foi masculinizado. Alegação de Tancredo: "Nome feminino dá azar. Veja só a UDN".

(E. M.)

"Vida das Artes" está dando

"Vida das Artes", a excelente revista de arte — a melhor — brasileira, em seu n.º 4 (setembro) dá uma nota sobre o Encontro Jundiaense de Arte.

Depois de elogiar o Encontro, chamando-o de mini-bienal (seria

elogio?), aponta o principal erro, segundo a revista: muita gente no júri. E sugere: por que o Encontro Jundiaense de Arte não se socorre da Associação Brasileira de Críticos de Arte para a elaboração do seu regulamento? (E. M.)

"Cidadãos" do ar

O industrial Henrique Victório Franco está empenhado na divulgação do radioamadorismo em Jundiaí. A idéia dele, já apoiada por Adoniro José Moreira e Abdoral Lins de

Alencar, é formar na cidade um Clube de Rádio de 11 Metros, aglutinando todos os radioamadores "faixa cidadão". O prefixo de Franco é PX 2-0352. (CFP)



HORÓSCOPO

Aries (21-3 a 20-4)

Amigos escreverão cartas pouco amáveis para você. Não se aborreça. Pegue um lápis e anote as bobagens contidas nesses escritos. Se você achar menos de 5 batatadas, concorre a um Volks 76, preço unitário.

Touro (21-4 a 20-5)

Essa mania de você dizer o que pensa não conduz a nada. Primeiro, porque você pensa bobagens. Segundo, porque vão fazer chacota de você, taurino doidão.

Gêmeos (21-5 a 20-6)

Vocês são parecidos demais. São verdadeira cópia xerográfica, um do outro. Acontece que cópia xerográfica tem saído pela culatra, maninhos.

Câncer (21-6 a 21-7)

Compre uma Caloi dobrável e saia pela Avenida Córrego do Mato, pedalando. Talvez seja a tua cura: aquele asfalto plano faz milagres, dizem.

Leão (22-7 a 22-8)

Majestade, urre mais baixo, seus berros estão sendo ouvidos fora daqui.

Dizem que estão chegando à Capital. E lá, na selva de pedra, ou você grita com razão ou cai todo mundo de cacete em cima de você.

Virgem (23-8 a 22-9)

Cuidado com as tuas coisas íntimas, você que tem tanto a prezar: eles estão xeretando tudo e tirando xerox das intimidades. No teu caso, virgínia, a quebra dessa intimidade pode atrair teus planos futuros, casamento, esses troços.

Balança (23-9 a 22-10)

Pese melhor as palavras.

Esse desequilíbrio, exatamente agora que está todo mundo de olho nos teus pesos e medidas, poderá desregular você para sempre. Ou para o ano que vem, o que é a mesma coisa.

Escorpião (23-10 a 21-11)

O veneno é natural do teu caráter, isso todo mundo sabe. Mas você não deve ir destilando assim, na frente de todo mundo, feito manchete de jornal, Scópio, ou alguém ainda vai te pisar no rabo.

Sagitário (22-11 a 21-12)

As vezes parece que

você inverte as coisas e passa a pensar feito um quadrúpede. Você precisa mesmo é de um bom jóquei, digo, assessor.

Capricórnio (22-12 a 20-1)

Que entortada, hem cabritinho? Pudera, você foi chifrar pedra!

Aquário e Peixes (21-1 a 20-3)

Aproveitem as milhas submarinas e naveguem-se um ao outro, aquarianinha e peixinho. Júlio Verne que os abençoe.

PROFA. ZULEIKA

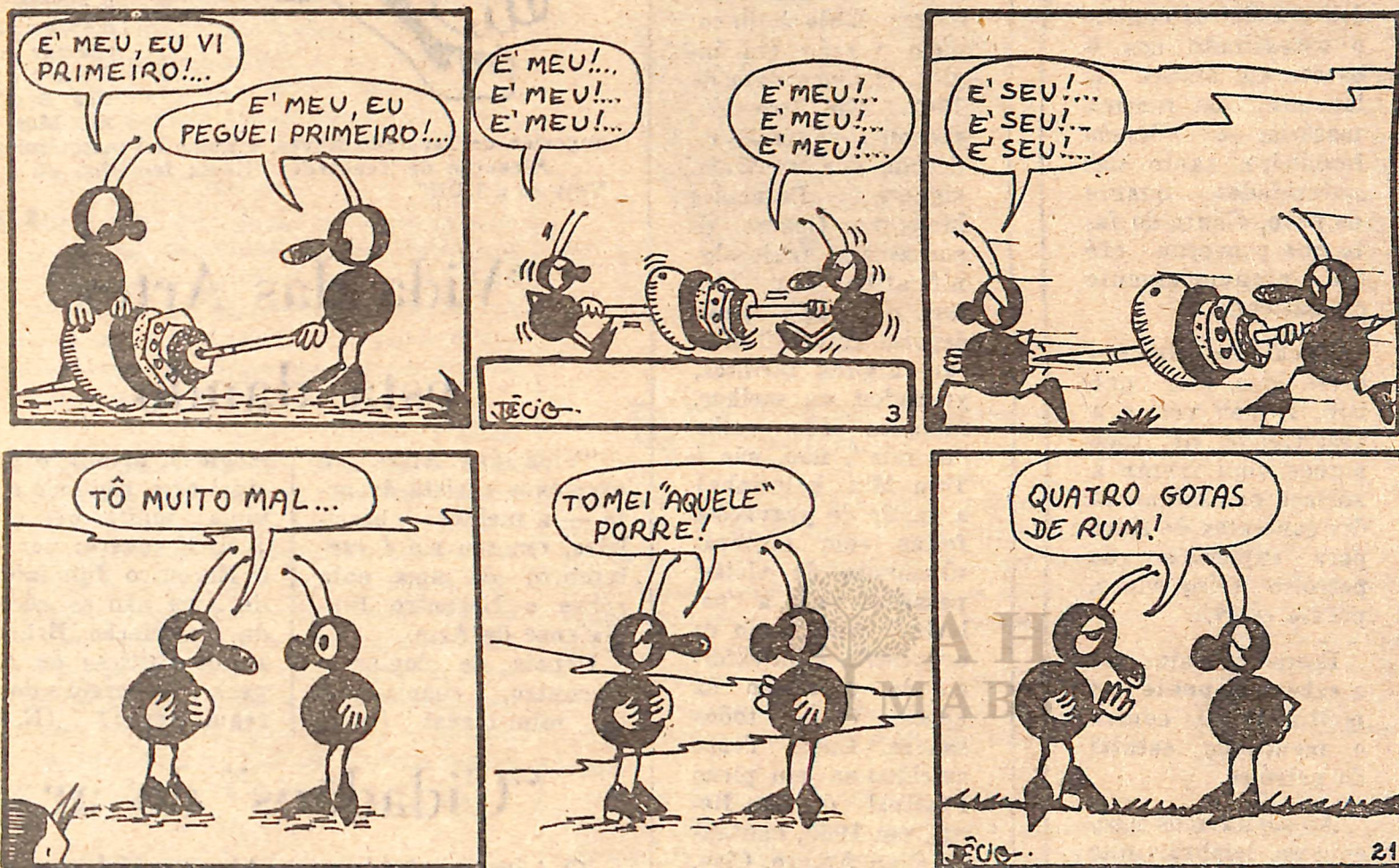
PUFS!

Boomerang foi o primeiro australiano a dar a volta ao mundo.
Copérnico inventou um instrumento chamado lupanar.
A princesa Isabel foi famosa por sua libertinagem.
Trepanação era a promiscuidade em que viviam os povos pré-históricos.
Mandíbula foi o mais voraz dos imperadores romanos.
Dostoiévsky foi um grande idiota.
Eutanásia foi uma princesa russa que matou-se durante a revolução.

Década era uma vestimenta muito usada entre 1920 e 1930.
Espasmo é a figura de sintaxe que indica espanto.
Bandolim foi um célebre bandido napolitano.
Pagode é uma orgia chinesa.
O Papa proibiu o uso de satélites artificiais.
Equilátero foi um sábio grego que se alimentava somente de pitágoras.
Pediatria é o homossexualismo entre médicos.
Epístola era um imenso lugar onde os judeus realizavam a cerimônia da circuncisão.
Sobrolhos são os restos mortais dos naufragos.
Alvará de soltura é um polvilho usado na cura de males do intestino.

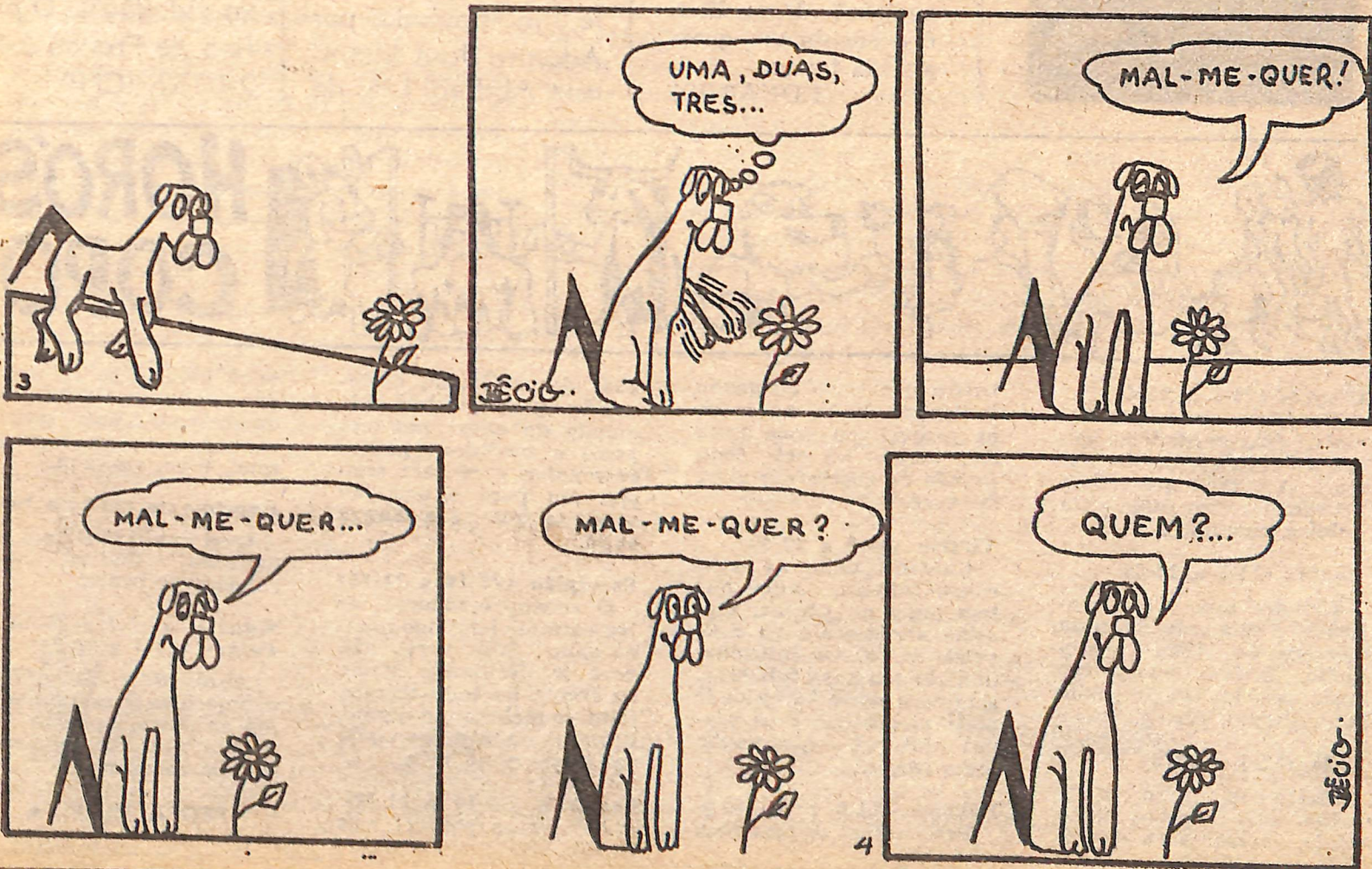
Esguelha é um tipo de churrasco argentino.
Genitivo é o casamento entre irmãos.
Jesuíta é uma pessoa que fica vários dias sem comer.
Marasmo é o enjôo provocado pelo balanço do navio.
Restinga é o mau hálito provocado pelo uso abusivo de aguardente.
Cerebelo é um inseto semelhante ao piolho.
Cachumba é o nome dado aos filhos de índios com brancos.
Sarcófago é um dito jocoso sobre os reis do Egito.
Nostradamus era um corcunda que tocava sino em Paris.
Gibão foi um monstro que arrancava o couro das virgens.
Sevícia é uma bela região da Espanha.

ZARTEU



BORIS

© ZÉCO DE MARI



Zebra? Que zebra?

Era exageradamente otimista. Conseguia ver o lado bom em tudo quanto era problema e havia até quem jurasse que aquela velha piada acontecera com ele ("Febre amarela? Bonita cor...").

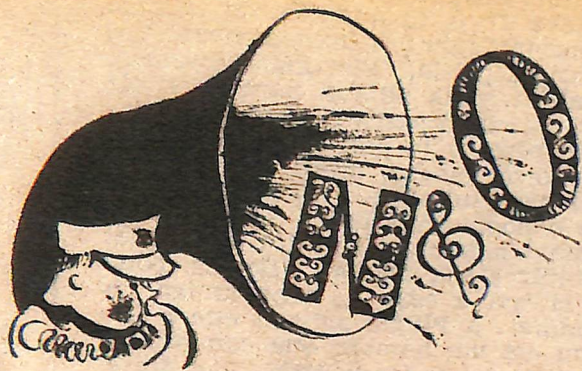
Mas veio um dia em que todos — isto é, a família e os amigos — esperaram a quebra do "tabu". Conferindo seu cartão da loteria, ele tremia, suave: estava com doze pontos e tinha cravado colunas do meio e dois no jogo um do teste 254. Um a zero para o Internacional, time da coluna dois, era um resultado que lhe garantiria alguns milhões — e muitas amizades, claro — motivo mais do que justo para tanto nervosismo. Veio o gol de empate, e mesmo assim ele continuava com chances de fazer os treze pontos. Mas, a poucos minutos do final, o Flamengo fez o segundo gol. O jogo acabou com a vitória do time da coluna um.

Quando já se imaginava o otimismo sendo mandado às favas — ou a outro lugar — ele entrou em seu quarto, saiu de lá com uma porção de fogos e começou a comemorar...

— Comemorar o quê, Manoel? — perguntou a mulher. — O que, se você errou o jogo um?

— Aí é que está, Maria — respondeu vitorioso. — Já pensou se eu faço os treze pontos? Eu morro, Maria, o médico não disse que eu sou cardíaco?

A. FERNANDES



ONDE, A RAZÃO DO ESPANTO?

Os ministros do Tribunal de Contas da União ficaram surpresos e espantados com os gastos realizados pelo MOBILAL em divulgação: 830 mil cruzeiros. Foi o que li nos jornais de terça-feira passada e, confesso, também me deixou espantado. Para que tamanho espanto? Se os ministros do TCU vierem ver quanto se está gastando aqui em panfletos coloridos, propaganda jornalística e em rádio, na certa vão desmaiar. E que não se mostre a eles o orçamento-programa de 1973, na forma em que foi apresentado pelo órgão oficial do Município, senão, aí, pode até sair velório. (C.F.P.)

UMA AVENIDA PERIGOSA

Quem duvidar que duvide, mas eu juro que vi. Em plena madrugada de terça-feira, um carro estava passando pela Córrego do Mato. Feito este registro, acredito seja dispensável recomendar às autoridades do trânsito, à polícia enfim, uma rigorosa fiscalização na dita avenida a fim de prevenir acidentes. Seria nada razoável um coitado fazendo o teste de Cooper ali ser atropelado. (A.F.)

BARBA E CABELO

Armindo, Chico e Zé Luiz já estão de salão novo. Nos 40 m² entre paredes de fina decoração, eles dão o serviço completo e ainda, de quebra, têm sempre o *Jornal de 2a.* à disposição dos que querem saber das coisas enquanto aguardam a vez. O endereço é São João, 403, Ponte. (C.F.P.)

TUDO VAI BEM QUANDO ACABA BEM

Já em funcionamento, desde a semana passada, o novo serviço de radiologia do Hospital São Vicente de Paulo, sob a direção do dr. Rossi, que está contando com toda uma equipe trazida da Clínica Santo Antonio, de Campinas, e auxiliares formados aqui, caso do Mauri, um auto-didata na matéria. Deu pane na estréia dos equipamentos, mas no momento em que fechávamos a presente edição fomos informados de que já está tudo sob controle. (W.H.N.)

O SALÁRIO DO MEDO

A Fepasa (Ferrovia Paulista S.A. para os mais íntimos), pelo que vejo, ou seja, pelo que não vejo (o pagamento, no caso), está precisando, urgentemente, tomar uma boa dose de Semacol para deixar de fazer charme na liberação dos proventos dos seus inativos, pensionistas e dependentes com direito a esse benefício, para que não sejam estes obrigados a ficar mendigando, esmolando, pedindo, esperando pela publicação no jornal pra poder retirar os respectivos "holeris" (palavrinha bacana, não?).

Está na Lei Orgânica da Previdência Social que "todo benefício é em caráter de urgência". Nas leis humanísticas, éticas, filosóficas, religiosas, etc., também está. Não vejo, pois, razão para a Fepasa atrasar na liberação dos carnês. Não vejo, também, porque tem ela que ser a exceção que confirma essa regra.

O aposentado é aposentado por tempo de serviço; é, pois, um cidadão que já prestou, no mínimo, 35 anos de serviços ferroviários. Ou é o cidadão que prestou pelo menos 30 anos de serviço, recebendo, assim, Aposentadoria por Tempo Especial. Ou, ainda, o cidadão que deu o sangue até os 65 anos de idade, adquirindo o direito por velhice.

As viúvas dos aposentados, ditas pensionistas para efeito do recebimento do benefício, são senhoras que perderam seus maridos em pleno gozo da aposentadoria, ou seja, depois deles terem dedicado toda sua vida ao trabalho nas ferrovias.

Os aposentados por invalidez, tenhais paciência, são pessoas que se tornaram incapacitadas para o trabalho ao tempo que prestavam seus serviços no setor ferroviário. Finalmente (hay que tener sacola, pó), filhos menores, inválidos, etc. — chamados beneficiários — são filhos menores inválidos, etc., de aposentados falecidos, e, portanto, segurados, dependentes do pagamento que lhes é devido, sagradamente devido, pela Fepasa.

De onde provém, então, que a Ferrovia Paulista S.A. pague, deposite nos bancos, com publicidade gratuita pela imprensa, rádio e tudo, fazendo um tremendo suspense (bem ao gosto de Hitchcock), com 10, 12 e até 15 dias de atraso os proventos dessa gente? É justo? É bonito? (Cel. I.A.)

A PROCURA DE UM COORDENADOR PARA A FESTA DA UVA DO ANO QUE VEM

Depois de uma reunião em que o prefeito deixou evidente o seu interesse na realização da Festa da Uva em 1976 (ano político) e se prontificou a liberar a verba que fosse necessária para que tal festa se realize com os portões do Parque Municipal abertos ao público (talvez para se redimir do erro da festa passada, quando entregou o parque a uma empresa de fora que se esqueceu do motivo da festa — a uva — e cobrou cinco cruzeiros pelo ingresso de cada visitante), 19 lavradores dos diversos bairros produtores de uva do município reuniram-se novamente quarta-feira, na Casa da Agricultura, para discutir as condições dessa nova promoção.

Falando aos lavradores, na presença também de representantes do Executivo Municipal, o titular da Casa da Agricultura, engenheiro-agrônomo Antônio Araújo Vieira, foi contundente em sua crítica a algumas festas passadas, em particular a realizada

no começo deste ano, asseverando a necessidade de se tomar todas as precauções para que não se repita o fracasso dessa última, que "foi uma calamidade, uma negação total, um grande engano para os lavradores". Apresentou ele, na ocasião, um esboço do que poderá ser e de como se organizar a Festa da Uva de 1976, tendo-se como meta prioritária e irreversível a promoção do principal produto agrícola desta região, associando ao acontecimento — que teria cunho estadual — outro de igual relevância: uma Festa Nacional de Orquídeas.

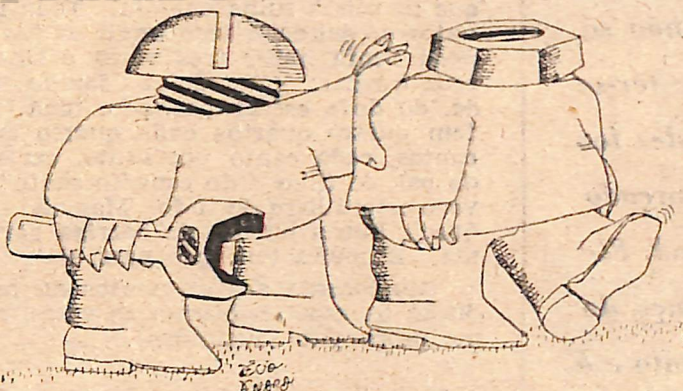
Araújo colocou como condições fundamentais para se iniciar preparação da próxima Festa da Uva a liberação, pela Prefeitura, da verba necessária (em torno de 500 a 600 mil cruzeiros) e a escolha de um coordenador que realmente trabalhe pela promoção, não aparecendo apenas para fazer pose para os fotógrafos, e tenha, ao mesmo tempo, acesso

fácil e trânsito livre nas esferas políticas do Município e do Estado. Pela unanimidade dos presentes, seu nome foi o indicado para a função de coordenador, mas ele, alegando razões de foro íntimo (nós, íntimos, sabemos), declinou da indicação.

Para o posto de coordenador, que, como afirmara, teria que ser escolhido um homem de fácil relacionamento na área política, especialmente na esfera municipal, Araújo colocou como opções para os lavradores os nomes dos advogados Jacyro Martinasso (já experiente na realização de festas da uva) e João Alberto Coppelli, que logo deverá ser nomeado presidente da Comissão Municipal de Turismo e estava presente à reunião. Por um dos lavradores foi lembrado o nome do engenheiro-agrônomo Fortunato Garcia Braga, que recebeu de imediato a aclamação de todos, pois, a exemplo do engenheiro Araújo, é pessoa conhecida, estimada e respeitada pelos homens do campo. Constituiu-se, então, uma comissão para ir convidá-lo para ser o coordenador, já que, no momento, ele não se achava presente.

De sua parte, o titular da Casa da Agricultura deixou clara a sua disposição de tudo fazer para que a Festa da Uva de 1975 suplante todas as anteriores e os lavradores não sejam mais enganados como o foram na última. No plano que apresentou durante a reunião, merece destaque a idéia de se substituir os costumesiros "shows" de galãs de tevê na concha acústica do parque pela apresentação de grupos de teatro amador da própria cidade. "Se essa moçada está se metendo a fazer teatro amador, está entusiasmada pelo teatro, vamos fazer com que ela participe da Festa da Uva. Trazer figuras de São Paulo não refresca nada; vamos deixar essa moçada sabendo que sabemos que ela existe" — foram suas palavras. (C.F.P.)

HOMEM, A FERRAMENTA



O homem vai ser a peça principal da engrenagem da Fepasa — disse o presidente dessa companhia uma vez. E parece que foi, ou está indo.

Para que ninguém lhe cobrasse isso, o mesmo presidente anunciou, há dias, a contratação do pes-

sal por novo regime, o que não vai dar em outra coisa senão no aumento de horas de trabalho. Mas para compensar, foi instituído um chamado "salário compreensivo".

O salário do ferroviário é sempre compreensivo, só não se compreende bem são os altos salários que o pessoal da cúpula — a título de cargos em comissão — recebe e que já andou sendo denunciado por *O Estado*, *Diário Oficial* e outros jornais. (C.F.P.)

ETA ALDEIA PRAFRENTEX!

Ai das senhoras, crianças, mocinhas, velhinhas, que, num caso de extrema necessidade, tenham que recorrer ao sanitário público lá detrás da Catedral. Pra começo de conversa, os vasos sanitários são iguais, rigorosamente iguais aos instalados nos mitórios masculinos ao lado. Peraí, não é que eu seja contra a moda "unissex"; mas isso tem limite, né? Ainda outro detalhe: cadê papel higiênico? Se perguntar às zeladoras, logo vem a resposta: — Prefeito não dá! Afinal, sanitários ou insanitários? (Cel. I.A.)

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR ZETISERVE

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAI
LA' VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO CHICKEN-IN
ZETISERVE CHOPP CLARO e ESCURO
avenida antonio segre, 504



A cidade e a serra

*O homem, como ser itinerante,
carrega em seu bojo
várias culturas que se
justapõem. Seus valores nem
sempre podem ser
aferidos, senão quando postos
em prática. Nestes casos,
as histórias de
Pituca falam de uma parcela
da civilização adaptada
ao seu meio, o campo,
a lavoura, o rural. E não só
o fato de ter-se
aglomerado nas cidades fez
do homem um forçado
ao seu estágio atual. Ele
ainda tem o ranço do
capim, o sopro do vento e a
sombra da floresta a
lhe temperar a carne. Se ele
não é mais homem
agrícola, não é ainda,
também, homem indústria.*

(O tatu-branco é um fantasma que os cachorros acuam. Os caçadores, os poucos que o viram, descrevem-no como um imenso tatu, maior que um porco grande. Para alguns, chega à altura de um homem).

Pituca não sabia ligar esse tatu à causa algum. Só o tinha visto atravessando a ponte, ao meio-dia. Como todos sabem, o meio-dia também é hora de assombração.

Mas, já a pesadeira é uma neguinha danada. Ela só vem à noite quando o povo dorme.

(Mais um valor pode ser detectado, pelos analistas, no tocante aos elementos do sonho. Quando o subconsciente se liberta, tanto pode advir um pesadelo, quanto premonições mais tranquilas. É o domínio do onírico, propriamente dito. São as razões dos corpos em repouso).

"Vem chegando, desarranjando a gente na cama, salgando a boca e acaba por sentar em cima do peito, não deixando a gente respirar. Ela pode entrar também pelo pé da gente. Nunca deixe seu pé desguarnecido. É por lá que as coisas ruins entram. Toda noite, antes de deitar, é bom ungir os pés com água benta, fazer três vezes o sinal da cruz e rezar: "Pesadeira damão furada, do dedo escarrapachado, uma casa tem quatro quartos cada quarto quatro cantos, cada canto um santo, em nome do pai, do filho e do espírito santo". Aí você estará livre de tudo. Mas não se esqueça, nunca durma de barriga para cima. É muita tentação para ela".

(No tocante aos elementos da reprodução da espécie, o sexo às vezes, assume proporções inusitadas).

Pituca misturava tudo algumas vezes. Ainda mocinha, contava ela, quando voltava do baile à noite, de trás de uma touceira, saiu um homem negro que começou a segui-la. Ela, mais depressa, ele também. Ela olhava para trás, ele lá. Ela apressa o passo e quando vê, está sendo perseguida por um lobisomem. Um cachorro imenso, preto dos dentes brancos arreganhados. Ela correndo, gritava o nome da Virgem Santíssima e conclamava a fera, sem muita convicção, para voltar a sua forma. Depois, conseguia chegar à casa de uma amiga e se escondia. A Pituca achava que o lobisomem era um homem que comia titica de galinha e se transformava, à noite na horrível fera.

(Para esses homens, aonde estava a fortuna? Qual seria a maior fonte de riqueza? O que seria a riqueza?)

Pituca tinha outras histórias. A mãe d'ouro era uma. Era uma bola que tinha cabeleira de fogo. De ouro em fogo. Pituca viu cair uma dessas na terra, perto de sua casa. Quando souberam os homens do lugar foram procurá-la. Cavarão mundo, ou ela os enganou ou se enterrou demais. Sabe-se que é uma bola de ouro, que é incandescente, que nasce num ponto da terra e vai se esconder em outro. Quem achá-la torna-se rico. Porém exige um sacrifício. Logo que a desenterre deve dar um talho no dedo e deixar pingar o sangue sobre ela. Senão escapa tão veloz quanto veio e se esconde em outro lugar. E um mesmo homem, dificilmente volta a ver outra vez a mãe d'ouro. Neste caso, os homens da Pituca não conseguiram encontrar nada. Sentada em seu canto, Pituca assumia a prosa dos patrões toda vez que vinha em visita. Personagem central, Pituca era sempre ouvida pelas mulheres e pela criança. Os homens não ouviam essas histórias. A idade dela não se podia saber. Poderia ser moça até. Mas na verdade, o que surpreende nela é que os que passavam chegavam a confirmar seus relatos. Mãe d'ouro é conhecida até de Mário de Andrade. Porém, quem ouviu Pituca, ela já é morta, ou se tornou adulto e mudou-se para a cidade, ou morreu também, como os cinco filhos dela.

Suzana

Maria Cristina Bueno — Pituca — chegava devagar, cabelos amarrados em tranças, bem finos, e rosto amarrótado de sol e vento da Serra do Japi. Bisneta ou tatarneta de bandeirantes, casada com quem, como ela, trabalhador da terra. Servia de caixeira em fazenda de italianos.

Era ela quem chegava e sentava. Sentava e calava. E esperava a prosa que os patrões deveriam puxar.

(Certos são os valores que têm conduzido a espécie humana. Dentre eles, os mais operantes são aqueles decritos dentro dos sete pecados capitais. Assim estava escrito. Estes dogmas, uma vez traduzidos para a linguagem popular, nos oferecem condições de perceber, a profundidade de ação deles, no comportamento humano).

Cheia de doenças, úlceras e infecções, verminoses, cheia de amuletos e rezas contra mau-olhados, benzedoiras de cobreiros, fntima de seres elementais, das nossas-senhoras, bons-jesus, sacis... Vivia de remédios, chás e rezas. E as coisas aconteciam sempre com ela. Ora o saci, ora o lobisomem, a pesadeira nem se fale, o tatu-branco, ela já o havia visto — o terror dos caçadores.

